

ALGUNS ASPECTOS DA INTONAÇÃO
NO PORTUGUÊS

por

ESTER MIRIAN SCARPA GEBARA

Dissertação apresentada ao Departamento de Linguística do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Linguística

Campinas

1976

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

Agradeco

- ao prof. Aryon, orientador desta dissertaço;
- ao Ademir, pelo apoio e incentivo constantes;
- à Tânia, que leu e discutiu comigo os originais;
- à Leonor e Maria Alice, que se dispuseram a se submeter à ingrata tarefa de informantes para um trabalho de Linguística.

Devo um agradecimento especial ao Rodolfo Ilari, meu colega de Departamento, por ter estimulado permanentemente o andamento deste trabalho.

ALGUNS ASPECTOS DA INTONAÇÃO

NO PORTUGUÊS

Resumo

Pretende-se observar, neste trabalho, o modo como a intonação, entre outros mecanismos lingüísticos, manifesta contrastes no sistema de modalidades do Português. Os dados são analisados segundo o modelo de descrição intonacional de Halliday, optando-se por um primeiro grau de delicadeza. As modalidades são definidas, no plano do conteúdo, como atos ilocucionais, e se manifestam, no plano da expressão, por certos mecanismos gramaticais. Entre as modalidades, são seleccionadas a ordem e o pedido (correspondentes aos enunciados imperativos); a pergunta polar e não-polar (enunciados interrogativos polares e não-polares); a asserção (enunciados declarativos). Chega-se à conclusão de que há alguns casos de diferença mínima entre categorias do sistema de modalidades do Português expressa apenas por marcas observáveis no componente supra-segmental do enunciado

Autor: Ester Mirian Scarpa Gebara

Orientador: Aryon Dall'Igna Rodrigues

Índice

	pag.
Introdução	1
Notas da Introdução	7
Capítulo I - Resenha da bibliografia pertinente.....	8
Conceito de intonação	8
O grupo tonal	10
A unidade tonal	15
O contorno intonacional	21
Trabalhos sobre a intonação em Português	25
Notas do capítulo I	34
Capítulo II - Tom, tonalidade, tonicidade	38
A delimitação das fronteiras dos grupos tonais	46
A localização do elemento proeminente dentro do grupo tonal	54
A direção da curva de altura dentro do grupo tonal.	61
Notas do capítulo II	64
Capítulo III - Intonação e modalidades no Português ..	69
Os enunciados declarativos	75
Os enunciados imperativos	77
Os enunciados interrogativos	84
Enunciados interrogativos polares	88
Enunciados interrogativos não-polares	93
Resumo	99

pag.

Notas do capítulo III	101
Conclusão	105
Bibliografia	108

INTRODUÇÃO

O objetivo específico deste trabalho é estudar a maneira como os fatos intonacionais, entre outros mecanismos lingüísticos, manifestam contrastes no sistema de modalidades do Português. Esta questão específica faz parte de uma indagação mais ampla: qual é a natureza da intonação numa língua como o Português? Não pretendemos, entretanto, abordar diretamente esta indagação; antes, procuraremos levantar alguns problemas suscitados por ela, e, assim, fornecer subsídios para sua resposta.

A partir desse objetivo, elaboramos o seguinte plano de trabalho:

No capítulo I, estudamos três propostas metodológicas que procuram dar conta da descrição dos elementos intonacionais: a de Crystal (1969) e a de Halliday (1973), para o Inglês britânico, e a de Pike (1945), para o Inglês americano. São também examinados os trabalhos disponíveis sobre a intonação do Português brasileiro, que são, aliás, pouquíssimos. Estudamos mais detalhadamente dois trabalhos: o de Cléa Rameh e o de Miriam Lemle. O trabalho de Rameh é um capítulo de sua tese de mestrado, Contrastive Analysis of English and Portuguese Intonation, apresentada à Universidade de Georgetown, EUA, em 1962; este capítulo foi posteriormente publicado em tradução portuguesa (Rameh, 1966). Miriam Lemle (1965) estuda a intonação do Português brasileiro também

num capítulo de sua tese de mestrado. Apesar da seriedade destes trabalhos, o estudo da intonação do Português do Brasil não é seu objetivo primordial. É feita, neles, uma abordagem fonêmica dos dados intonacionais, seguindo a linha do estruturalismo descritivista norte-americano, e chega-se a estabelecer os padrões intonacionais do Português brasileiro, para compará-los com os padrões do Inglês americano, no trabalho de Rameh, ou como parte da descrição fonêmica de um dialeto do Português brasileiro, na tese de Lemle.

No capítulo II, estudamos os conceitos de tonalidade, tonicidade e tom, que Halliday entende como intonação propriamente dita, e verificamos sua operacionalidade com dados do Português. Observamos, no tocante à tonalidade (delimitação dos grupos tonais no enunciado), que a segmentação do enunciado em grupos tonais não é arbitrária; o estabelecimento das fronteiras do grupo tonal em diferentes pontos do enunciado é uma opção significativa, por parte do falante. A tonicidade (localização do elemento de proeminência no grupo tonal) está intimamente relacionada com a proeminência significativa da seqüência segmental (foco). Quanto ao sistema de tom (direção da curva de altura do grupo tonal), não chegamos a estabelecer um elenco de tons do Português, o que fugiria do nosso escopo imediato; descrevemos apenas os tons pertinentes para as categorias do sistema de modalidades consideradas no capítulo III.

No capítulo III, estudamos o papel pertinente da intonação no sistema de modalidades. As modalidades são definidas, no plano do conteúdo, como atos ilocucionais (isto é, como a prática de um ato através do uso da linguagem) e se codificam, no Português, por certos mecanismos lingüísticos segmentais (morfológicos, lexicais, sintáticos) e supra-segmentais. Interessa-nos estudar estes últimos e, particularmente, os casos em que os elementos intonacionais comportam a força ilocucional do enunciado. Selecionamos os enunciados declarativos, os imperativos (com duas categorias: ordem e pedido) e os interrogativos (polares e não-polares).

O material lingüístico utilizado para a análise, neste trabalho, é de três tipos. O primeiro é um corpus, colhido através de entrevistas gravadas com duas informantes campineiras, de instrução universitária; estas entrevistas constituíram-se de conversação (diálogos), leituras e narrativas¹. O segundo são dados colhidos com base na observação assistemática de reações de falantes, campineiros ou não, mas da área geográfica do Estado de São Paulo. O terceiro, refere-se a dados baseados na intuição da investigadora, que também é paulista. Evitou-se maior discrepância dialetal entre os dados observados, por supor-se que a variação dialetal afeta a intonação.

Como foi sugerido acima, foram selecionados dois registros diferentes, propositadamente: um registro mais tenso, de leitura de textos previamente construídos, e um registro informal, de conversação espontânea (incluindo narrativas). Esta diversificação se deve à hipótese de que, em determinado caso (enunciados interrogativos não-polares), a escolha de um entre dois tons diferentes dependa de diferenças de registros. A não ser para se tentar dar conta deste caso, foi considerado o registro informal, espontâneo, para a descrição dos dados.

A técnica de descrição dos dados se baseia na percepção auditiva. Não se lançou mão de instrumentos de verificação acústica, pela falta de acesso a aparelhagem especializada. Este foi um dos motivos, se bem que não o mais forte, pelo qual não se procurou dar uma descrição detalhada aos fatos intonacionais. Os dados não foram esgotados, no sentido de que não foi empreendida uma descrição intonacional de todos os enunciados disponíveis. Foram selecionados apenas os enunciados pertinentes para uma abordagem das modalidades tratadas no capítulo III, e enunciados pertinentes para a discussão, levantada no capítulo II, sobre os sistemas de tonalidade, tonicidade e tom.

No nosso entender, o critério auditivo e o caráter mais geral atribuídos à abordagem dos fatos intonacionais não prejudicou o estudo da intonação das modalidades, porque se justificampela delimitação metodológica dada ao

objetivo do trabalho. Nosso intuito é observar como a intonação manifesta contrastes num sistema gramatical delimitado - o das modalidades - e não descrever os sistemas intonacionais do Português. Para tanto, a análise obedece ao método de descrição proposto por Halliday (1973) e opta pela descrição num primeiro grau de delicadeza, como se esclarece no capítulo II .

Deve ser feito um esclarecimento, ainda, sobre a unidade lingüística segmental que é utilizada neste trabalho com o nome de enunciado. Não há, efetivamente, uma definição bem estabelecida para este termo. Para explicar o uso que está sendo feito aqui, contraponho-o ao conceito de ato de enunciação: um ato de comunicação lingüística, para o qual, além da seqüência verbal emitida, há a concorrência da interação falante-ouvinte-contexto. O enunciado é a seqüência verbal resultante do ato de enunciação (emitido por um dos locutores participantes dele), para o qual não se estabelece limite em extensão: pode coincidir com uma palavra de uma só sílaba, como pode se constituir de um longo período composto por várias orações.

Ainda assim, o uso do termo enunciado comporta uma ambigüidade quanto a ser ele empregado como tipo ("type") ou como ocorrência ("token"), como observa Garner (1971: 23-42). Aliás, conforme Garner, o enunciado apresenta uma dupla ambigüidade: a) quanto a ato-objeto (isto é, como produção ou produto), que se esclarece, no nosso tra-

balho, pela dicotomia ato de enunciação/enunciado; b) quanto a tipo-ocorrência. Assim, um enunciado considerado como tipo é recorrente ("repeatable") e um enunciado como ocorrência é uma instância individual e particular.

Apesar de se perceber esta ambigüidade na apresentação dos dados usados como exemplificação, em que muitas vezes o enunciado tipo se confunde com o enunciado ocorrência (por exemplo, nos dados extraídos do corpus), nossa preocupação, neste trabalho, é abordar o enunciado tipo, o que se percebe claramente no tratamento das modalidades no capítulo III, em que o termo enunciado está comprometido com o tipo ou categoria pela qual os atos ilocucionais se manifestam. Assim, tratamos dos enunciados declarativos (manifestação do ato ilocucional de declarar ou afirmar), dos interrogativos (manifestação do ato ilocucional de perguntar) e dos imperativos (manifestação do ato ilocucional de ordenar ou pedir).

O uso do termo sentença, por sua vez, está comprometido com forma gramatical (sintática). Por exemplo, uma sentença interrogativa polar (isto é, que tenha forma gramatical segmental e supra-segmental reconhecível como interrogativa polar) pode expressar um enunciado interrogativo polar, ou um enunciado imperativo (pedido) (ver pp.79 - 80).

NOTAS DA INTRODUÇÃO

1. Estes dados trazem, entre parênteses, indicações sobre o primeiro nome das informantes (letras iniciais), o número da coleta e o número da linha em que os dados estão transcritos.

CAPÍTULO I

RESENHA DA BIBLIOGRAFIA PERTINENTE

I.1. Conceito de intonação. Num ato de comunicação lingüística, estão presentes elementos vocais e não vocais (entre estes, por exemplo, elementos que, do ponto de vista do receptor, podem ser ditos como visuais: gestos, expressão facial, etc.) que, somados à situação do discurso, determinam o significado total do enunciado. No nível dos elementos vocais, que são os que mais de perto interessam ao lingüista, dois componentes, pelo menos, devem ser notados¹: um componente verbal ou segmental, responsável pela estrutura da sentença tradicionalmente considerada: fonologia, gramática e léxico; e um componente não verbal, constituído por subcomponentes prosódicos (ou supra-segmentais) e paralingüísticos², que são aspectos da cadeia sonora que têm relação variável com os elementos constitutivos do componente verbal do discurso, no sentido de que a cada seqüência segmental não corresponde necessariamente uma determinada seqüência supra-segmental. Na fala, estes dois componentes são indissociáveis: um não aparece sem o outro. Não existe enunciado "incolor": o enunciado só se realiza no ato de fala acompanhado dos

elementos supra-segmentais apropriados

A intonação é entendida como um conjunto de elementos prosódicos sistematicamente presentes no enunciado. Para melhor conceituá-la, lançamos mão de duas definições dadas por Crystal (1969, pag 5), a primeira, negativa e a outra, positiva:

-No ato de fala, há aspectos da estrutura da língua que estariam fora do escopo de uma análise prosódica formal: gramática, vocabulário e fonologia segmental. Removidos estes aspectos da fala, o "resíduo de enunciado" resultante é o objeto da análise prosódica.

- Sistemas prosódicos (Crystal, 1969, identifica "intonação" com "sistemas prosódicos" - ver adiante, pag. 16) são traços fonológicos que têm uma relação essencialmente variável com as palavras selecionadas ("selected words"), em oposição aos traços que têm uma relação direta e identificadora com tais palavras (exemplo: o fonema segmental, o significado lexical).

O conceito de intonação não se restringe a "movimentos de altura"; outros traços prosódicos, como por

exemplo a intensidade e a pausa são igualmente relevantes para se determinar tanto a descrição formal dos fatos intonacionais, quanto a função que estes fatos exercem nas línguas não-tonais, como é o caso do Português. A unidade intonacional a ser levada em conta para a pertinência linguística da intonação é composta por um conjunto de elementos prosódicos, como veremos.

Antes de analisarmos os fenômenos intonacionais que manifestam contrastes no sistema de modalidades do Português, é preciso optar metodologicamente por um quadro teórico de referências com o qual vamos operar e que dê conta do que nos propomos a estudar, relativamente a certos aspectos da pertinência linguística da intonação. Para tanto, examinaremos três propostas teóricas para o tratamento dos fatos intonacionais do Inglês (que envolvem três metodologias diferentes no tratamento empírico dos dados linguísticos): a do "grupo tonal" de Halliday (1973), a da "unidade tonal" de Crystal (1969) e a dos "contornos intonacionais" de Pike (1945); todas as três utilizam critérios fonológicos para analisar a intonação.

I.2. O grupo tonal. Halliday (1973) assume que o Inglês britânico "standard" falado é representado por grupos tonais e por um elenco de cinco tons, que formam um sistema fonológico. Há quatro unidades fonológicas reco-

nhecíveis na descrição da fonologia do Inglês, que são, em ordem decrescente: o grupo tonal, o pé, a sílaba e o fonema, relacionados hierarquicamente entre si como o são as unidades da hierarquia gramatical: um "expoente" de cada unidade consiste em um ou mais de um expoente completo da unidade imediatamente abaixo. O grupo tonal é constituído por um ou mais de um pé completo. Segundo Halliday, o pé é a unidade rítmica do Inglês, caracterizada pela isocronicidade fonológica (isto é, pela tendência de sílabas fortes ocorrerem em intervalos regulares de tempo, qualquer que seja o número de sílabas fracas entre elas) e composta de dois elementos: ársis ("ictus"), onde opera a sílaba forte, e que pode ser também zero, e tésis ("remiss"), onde operam as sílabas fracas. O grupo tonal, por sua vez, é estruturado por dois elementos: tônico (obrigatório) e pretônico (opcional), cada um deles composto de pelo menos um pé completo, sendo que o pretônico só aparece se houver um pé com ársis não zero (isto é, é necessário haver uma sílaba forte) antes do tônico. Há possibilidade de dois elementos tônicos no grupo tonal, e não há elemento postônico. Assim, a estrutura de um grupo tonal pode ser simbolizada da seguinte forma:

(P ...n) T (...n)

ou

(P ...n) T (...n) T (...n),

sendo que cada posição (letra maiúscula ou ponto) pode ser preenchida por um pé; os elementos entre parênteses são opcionais. O primeiro pé (completo) do tônico é o pé tônico e a primeira sílaba forte do pé tônico é a sílaba tônica. Uma vez que cada tônico só seleciona um tom por vez, e que o expoente fônico do tom selecionado recai largamente na sílaba tônica, esta última quase sempre é suficiente para identificar corretamente o tipo de tom selecionado.

Além dessa estruturação dos grupos tonais, é feita uma seleção de um tom⁴ ("tone"), a partir de um elenco de cinco tons básicos, que formam os sistemas primários e secundários de tom: o sistema primário determina contrastes no elemento tônico do grupo tonal; os secundários (que se caracterizam por subdivisões à medida que a análise se aprofunda, além do primeiro grau de delicadeza⁵), tanto no tônico quanto no pretônico.

É o seguinte o sistema tonal primário (Halliday, 1973, pag. 110)⁶ :

Termo no sistema de tom	Símbolo visual	Movimento tônico	Tendência terminal
-------------------------	----------------	------------------	--------------------

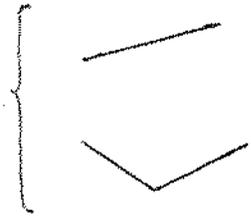
1



descendente

baixo

2



ascendente

alto

descendente-
ascendente

alto

3



ascendente

médio

4

(ascendente)-des-
cendente-ascendente

médio

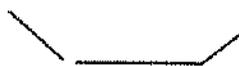
5

(descendente)-as-
cendente-descendente

baixo

Com dois elementos tônicos:

13



(como tom 1 + tom 3)

médio

53



(como tom 5 + tom 3)

médio

Exemplos :

Com um só tônico:

(1) // 2 ^ are you / serious //

Com dois tônicos:

(2) // 1 3 ^ it was / a live / broadcast //

Com tônico e pretônico:

(3) // 2 did they ever / get a / hundred per / cent //

Os símbolos convencionais são usados da seguinte forma:

//	fronteira do grupo tonal
/	fronteira do pé
—	sílaba tônica
^	ársis zero (ou silenciosa; isto é, ausência de sílaba forte)

Considerando-se a necessária abstração fonológica dos dados fônicos, este elenco é suficiente para dar conta de todos os tons do Inglês britânico. Esta seleção é discreta tanto sintagmática quanto paradigmaticamente, isto é, os tons (e / ou os grupos tonais que os selecionam) sucedem-se uns aos outros sem sobreposição ou hiato, e a escolha de um exclui a escolha de outro.

Os contrastes intonacionais nos enunciados do Inglês britânico, são feitos através de três escolhas (ou conjuntos de escolhas):

- 1) a tonalidade: o número de grupos tonais e a localização de suas fronteiras;
- 2) a tonicidade: o lugar da sílaba tônica dentro do grupo tonal, e a conseqüente divisão do grupo em elementos de estrutura tônica e pretônica;
- 3) o tom: a escolha do tom primário e secundário.

A estes três conjuntos de escolha Halliday chama de sistemas, pelos quais a intonação é analisada.

I.3. A unidade tonal. Crystal (1969) critica este esquema de Halliday, principalmente no que se refere à notação de contrastividades fonológicas mais sutis e de caráter gramaticalmente menos relevante⁷, que Halliday deixa de lado em favor de prioridades de natureza mais geral. Crystal diz que, mesmo postulando que a intonação representa um sistema crescente em delicadeza, garantida pela grande possibilidade de seleção entre três sistemas: tonalidade, tonicidade e tom, Halliday pára nesse ponto, por julgar ter especificado um número suficiente de contrastes fonológicos, capaz de dar conta de seu propósito primordialmente gramatical. Ora, diz Crystal, a hierarquia estrutural proposta -grupo tonal / pé / sílaba / fonema - não é suficiente para realizar a neces -

sária conexão entre os fatos intonacionais e os contrastes marcados por eles, o que uma abordagem totalmente fonológica faria. É o caso dos sistemas secundários de tom, estabelecidos por Halliday para dar conta de graus mais complexos de delicadeza, que não conseguem, na realidade, dar conta de contrastes intonacionais minuciosos, como por exemplo a variação de níveis de altura relativa, no âmbito das sílabas constitutivas do grupo tonal.

Crystal se propõe a realizar tal tarefa, descrevendo estas diferenças significativas mais sutis, manifestadas por categorias intonacionais, superdiferenciando sua técnica de análise a fim de notar níveis mais detalhados de descrição.

A intonação em Inglês (britânico), segundo Crystal, deve ser entendida como um "sistema de sistemas"; isto é, um sistema estruturado a partir de uma série de traços de diferentes sistemas prosódicos, que variam em relevância. Os mais importantes (porque mais constantes) são: tom ("tone"), altura ("pitch-range"), intensidade ("loudness") e, secundariamente, mas intimamente relacionados com os três primeiros, ritmicalidade ("rhythmicality"), tempo ("tempo") e pausa ("pause"). Além desses sistemas prosódicos atuantes na intonação do Inglês, Crystal considera sistemas paralinguísticos e "qualidades da voz" como igualmente pertinentes no estabelecimento de kontras-

tividades intonacionais mais complexas. Crystal chama sua abordagem de "paramétrica", e renega uma concepção generalizada de intonação, por exemplo, a de Pike (1945) (ver adiante), segundo a qual a intonação é abordada como um "sistema único de contornos, níveis, etc.", cuja definição formal se restringe ao movimento de altura e em que, esporadicamente, é considerada a variação do acento de intensidade.

Crystal dá prioridade aos sistemas prosódicos que envolvem movimento de altura ("pitch-range" e tom) e utiliza traços de outros sistemas, dos quais se lança mão para produzir um efeito gramatical, focal ou atitudinal. Conclui, assim, que a intonação é um "sistema de sistemas", interagindo de maneiras diversas, em graus diversos e em diferentes lugares dentro da unidade tonal.

Para Crystal, a unidade tonal ("tone unit") é a unidade operacional da intonação; é a "unidade funcional mais perceptível e recorrente, à qual os significados lingüísticos se vinculam". Como Halliday, reconhece que as unidades tonais são discretas sintagnática e paradigmaticamente, se bem que, dada a complexidade de descrição a que se propõe, operando com vários sistemas prosódicos, seu acervo de categorias intonacionais é maior que o de Halliday. As fronteiras das unidades tonais são definidas fonologicamente: cada unidade tonal terá um pico de proeminência, manifestado por um movimento de altu-

ra - o tom nuclear (ver adiante - pag.19), depois do qual haverá uma fronteira da unidade tonal, indicada por dois fatores fonéticos:

a) mudança perceptível de altura, dependendo da direção do tom nuclear: se ela for descendente, a mudança é para cima; se ascendente, para baixo;

b) presença de traços junturais no fim de cada unidade tonal, que geralmente tomam a forma de uma breve pausa.

A estrutura interna da unidade tonal é a seguinte:

- Minimamente, uma unidade tonal é constituída por uma sílaba portadora de um "glide"⁸ de altura de um determinado tipo - o tom nuclear -, referida como núcleo da unidade tonal (semelhante à sílaba tônica de Halliday) e cuja presença é obrigatória. Segundo Crystal, a presença de um núcleo é o que garante a impressão de "unidade tonal completa"; uma vez omitido, tem-se a sensação de "faltar algo" ao enunciado. Identificar este núcleo, é, em grande parte, determinar o tipo de unidade tonal em questão. Este núcleo é o "pico de proeminência" da unidade tonal - também chamado de "acento frasal", denominação afastada por Crystal, pelo fato de a unidade tonal não ser sempre coextensiva com a sentença e nem mesmo com a oração.

- Maximamente, a unidade tonal consiste de três outros elementos: a cabeça (que se estende da primeira sílaba de proeminência⁹ até, mas não inclusivamente, o tom nuclear; consiste em um número indeterminado de sílabas - pelo menos uma - e não acentuadas); a pré-cabeça (seqüência que antecede a primeira sílaba proeminente dentro da unidade tonal); a cauda (seqüência seguinte ao tom nuclear, cuja movimentação de altura é ininterrupto até o fim da unidade tonal, inteiramente condicionado pelo tom nuclear).

A unidade tonal pode ser simbolizada do seguinte modo:

(Pré-cabeça) (Cabeça) Núcleo (Cauda),

sendo opcionais os elementos entre parênteses.

O principal papel contrastivo dentro da unidade tonal se deve ao sistema de tom¹⁰, que interage intimamente com o de altura ("pitch range"). O tom é entendido como sendo o movimento de altura característico do núcleo da unidade tonal; por isso, é também chamado de tom nuclear. O tom nuclear é coextensivo com a sílaba nuclear, mas é o elemento condicionador do movimento de altura da cauda, como foi dito acima, e identificador do tom da u-

70

nidade tonal. Seu ponto inicial é determinado pela escolha de um nível de altura dentre um elenco de sete níveis (no Inglês britânico) do sistema de altura. O ponto final do tom nuclear não tem grande relevância linguística (sendo mesmo um problema de dimensão vocal fisiológica); os traços linguisticamente mais importantes são: altura relativa de toda a unidade tonal (altura de uma sílaba com relação às demais da unidade tonal, que determina o tipo de padrão de tom) e o âmbito do tom (distância entre o nível de altura inicial e o nível de altura final dentro do tom). O fator determinante na contrastividade linguística é o ponto inicial do tom cinético (ver nota 10).

O sistema de tom compreende três tipos:

- a) simplês: movimento unidirecional de altura: ascendente, descendente, nivelado;
- b) complexo: mudança na direção do movimento de altura de um tom cinético dentro da sílaba nuclear: ascendente-descendente, descendente-ascendente, etc.;
- c) composto (tom binuclear : cf. Halliday "dupla tonicidade"): ocorre quando há, na mesma unidade tonal , dois núcleos, à condição de que não haja evidência de fronteira entre as unidades tonais; que tenham uma relação

"endocêntrica" (\ /, \ /, / \, etc. e não \ \, / /, \ /; seqüências "exocêntricas" são interpretadas como separadas); e um elemento deve ser mais proeminente que o outro. Exemplo de tons compostos: ascendente + descendente; descendente + ascendente.

O tom nuclear deve ser determinado a partir de dois pontos de vista: a) de sua posição no enunciado, a que Crystal também chama de "tonicidade"; b) de seu tipo direcional.

Exemplo de notação usada por Crystal:

She's a \ BEAUtiful 'woman

Os símbolos convencionais usados na transcrição da unidade tonal acima são os seguintes:

letra maiúscula : sílaba nuclear
 • : sílaba proeminente
 \ • : tipo de tom nuclear (descendente)
 ' : acento de intensidade colocado antes da sílaba acentuada.

I.4. O contorno intonacional. No terceiro capítulo de seu livro The Intonation of American English (escri-

to com preocupações de Linguística Aplicada ao ensino do Inglês, notadamente para latino-americanos -cf. capítulo I), Pike (1945) estabelece sua teoria sobre os contornos intonacionais. Eles são entendidos como uma seqüência de níveis de altura, que se distribuem sobre as sílabas de um enunciado, mas não são necessariamente coextensivos às sentenças. Pike restringe a intonação, portanto, a uma seqüência de mudanças de altura, ou, como afirma na pag. 20, a "flutuações de altura". Apesar de reconhecer a dificuldade de padronizar tais mudanças, admite que os contornos intonacionais sejam formalizados nas línguas, de tal maneira que "todos os falantes de uma determinada língua usem seqüências de altura semelhantes" (pag.20). Sua preocupação é fonêmica: há quatro níveis de altura relativa, portadores de significação contrastiva, a que chama de "fonemas de altura": extra-alto, alto, médio e baixo, que Pike rotula de um a quatro, respectivamente. Estes níveis "servem de basic building blocks para os contornos intonacionais". Estes quatro níveis são suficientes, segundo Pike, para dar conta das diferenças significativas expressas pela intonação, se considerarmos que a estes níveis são acrescidos outros elementos prosódicos, como: intensidade, quantidade, pausa, altura geral da voz, qualidade geral da voz, etc. (estes dois últimos Crystal classifica de elementos paralinguísticos). Estes níveis são definidos em termos relativos e não absolutos (uma definição de altura em termos

absolutos seria: "o número de vibrações por segundo", isto é, definição fonética da freqüência, responsável pela altura na fala); o tom mais alto ou mais baixo de uma sílaba só é medido com relação ao tom de outra sílaba. Os níveis de altura não têm significado em si: é o contorno intonacional como um todo que lhes imprime relevância significativa, enquanto que os diversos níveis contribuem demarcativamente para esta significação, marcando pontos específicos dentro do contorno: início, fim, mudança de direção na curva.

Não é marcado o nível de altura de cada sílaba, só são marcados aqueles pontos "cruciais para o estabelecimento de suas subidas e descidas características", isto é, seus "pontos de contorno".

Os contornos com "significados mais fortes" (isto é, os maiores pontos de informação do enunciado) são chamados de "contornos primários" e tendem a ocorrer no fim das sentenças.

O acento de intensidade representa também um papel demarcativo no contorno: é o seu ponto de início: "não há contorno sem uma sílaba acentuada e toda sílaba fortemente acentuada inicia um novo contorno". Exemplo:

The 'boy in the 'house is 'eating 'peanuts 'rapidly
 3- °2-3 3- °2-3 3- °2-3 °2- -3 °2- -4

(O sinal [°] indica o início de um contorno)

No exemplo acima, há cinco acentos e cinco contornos primários.

Note-se que Pike considera como sílabas acentuadas aquelas que são "acentuadas por natureza" ("innately stressed"), isto é, as que recebem o acento quando isoladas de um contexto frasal. São essas, diz Pike, sílabas potencialmente indicadoras do início de um contorno, se bem que este acento lexical, uma vez colocado num contexto maior ("quando um contorno simples se estende por várias palavras"), possa ser parcialmente suprimido. Só há uma sílaba proeminente no enunciado. (Note-se que seu conceito de sílaba proeminente se apoia em bases de acento de intensidade).

Ainda fazendo parte da estrutura de um contorno primário, são considerados um ponto final e um ponto de mudança de direção, marcados apenas pelos níveis de altura das sílabas.

Antecedendo o contorno primário, há o pré-contorno, constituído por sílabas não acentuadas, cuja "pronúncia" (sic) depende das sílabas seguintes pertencentes ao contorno: são geralmente palavras "gramaticalmente independentes", como a, he, under, ou partes de palavras: re(ceive). O pré-contorno mais o contorno primário constituem o contorno total

Pike nega à intonação qualquer papel de significa-

ção gramatical. A intonação, para ele, é atitudinal, um significado temporário sobreposto ao significado lexical intrínseco de uma palavra (significado lexical intrínseco de uma palavra é aquele encontrável no dicionário), de acordo com a atitude do falante com relação ao conteúdo da sentença, ou uma indicação da atitude contra a qual o falante espera que o ouvinte reaja. A importância do estudo da intonação e a necessidade de encontrar uma técnica para sistematizá-la repousa essencialmente em princípios de linguística aplicada ao ensino de línguas, "since failure to use them (intonation contours) would immediately label a speaker as a foreigner with a bad accent and hamper his freedom of style" (pag.20).

A abordagem que Pike faz da intonação se opõe frontalmente à de Halliday, que incorpora os contrastes manifestados pela intonação aos contrastes gramaticais. Estudaremos mais detalhadamente este ponto de vista no capítulo II.

I.5. Trabalhos sobre a intonação do Português

Muito pouca coisa tem-se feito sobre a intonação do Português, quer descritivamente, quer do ponto de vista de sua função na gramática ou nos atos de fala. Deste último ponto de vista, há algumas afirmações esparsas em trabalhos de pesquisa em nossas universidades, dando conta

da importância e da presença de um estudo mais sistemático sobre categorias lingüísticas (ou especificamente, semânticas), manifestadas por categorias intonacionais. Quanto à primeira preocupação - um estudo descritivo do(s) sistema(s) supra-segmental(ais) do Português - os trabalhos mais representativos são partes das dissertações de Mestrado de Rameh (1962) e de Lemle (1965), que abordam foneticamente a intonação, como veremos abaixo. Além disso, há um trabalho de Lacerda (1950), que privilegia um estudo instrumental acústico do que ele chama de "expressões sonoras da compreensão", em que são submetidas à análise acústica variantes expressivas de enunciados curtos. Como este trabalho (apesar do interesse despertado por essa abordagem) foge ao escopo da presente dissertação, será deixado de lado. Mattoso Câmara Júnior (1953) preocupa-se com uma classificação fonêmica do acento de intensidade e das "palavras fonológicas", cujo núcleo é a sílaba portadora de acento tônico, mas não diz nada sobre intonação.

I.5.1. Rameh (1962) descreve a intonação do Português do Brasil no segundo capítulo de sua tese de mestrado apresentada à Universidade de Georgetown. Este capítulo foi posteriormente transformado em um artigo publicado na revista Estudos Lingüísticos, nº2, 1966. Elabora uma análise contrastiva entre os sistemas intonacionais do Inglês e do

Português, com o intuito de enriquecer os estudos na área de Linguística Aplicada ao ensino do Inglês. Utiliza como informante uma natural de Juiz de Fora, que morou muito tempo no Rio de Janeiro, e como material, gravação de entrevistas do tipo conversação livre. Sua técnica de análise é a análise fonêmica dos dados, na linha do descritivismo americano, baseado na técnica usada por Trager & Smith, em An Outline of English Structure, 1957.

Os resultados de suas pesquisas sobre a intonação do Português brasileiro são os seguintes:

-Opera com três parâmetros intonacionais, a saber: acento, altura e junctura, dos quais estuda, primeiramente, a ocorrência nos dados do Português. Encontra, relativamente ao parâmetro do acento:

- a) dois acentos fonêmicos no vocábulo: o primário ou forte /' / e o fraco /˘/, que apresenta três alofones: fraco mínimo [˘ː], fraco médio [˘ˑ] e fraco máximo [˘];
- b) um acento fonêmico no grupo frasal /" /, que ocorre geralmente na última sílaba de um grupo frasal que tenha acento primário: /é' muito ["]interessãti / "é muito interessante". Este acento fonêmico tem em comum com o esquema proposto por Pike o conceito de sílaba de proeminência, em ambos os casos definidos em termos de intensidade.

Quanto à altura, detecta três fonemas de tom: baixo /1/, médio /2/ e alto /3/, cujos níveis são relativos e

relacionados entre si, apresentando variação idioletal e situacional. Têm alofones condicionados pelos acentos de intensidade (um tom mais alto acompanha a sílaba portadora de acento primário) e pela "seqüência na fala". Há um quarto tom - o "tom enfático" - tratado como vocalização.

Concernente às junturas, seleciona duas, com quatro possibilidades fonêmicas: a interna (fechada, que não é representada por nenhum símbolo especial, apenas escrevendo-se os fonemas segmentais um em seguida do outro, e aberta /+/) e a final (pausa gradual /↓/ e pausa abrupta /|/). As duas junturas finais determinam os limites do grupo frasal fonológico: a junctura gradual /↓/ se caracteriza por uma cessação vagarosa da fonação e é geralmente acompanhada por uma queda rápida do último tom do grupo; a pausa abrupta se caracteriza pela cessação rápida da fonação, sendo que o último tom do grupo é mantido.

As combinações desses três parâmetros intonacionais constituem os padrões de intonação, caracterizados pela existência de um acento frasal numa determinada posição, tons diversos em determinadas posições e uma junctura final. Exemplo: / 2 3 l↓/ , para declarações e perguntas com palavras interrogativas. Cada padrão de intonação tem necessariamente um centro (caracterizado pelo nível mais alto de altura, na maioria dos casos, ou pelo acento frasal), uma cabeça, seqüência intonacional que sucede o centro, e, opcionalmente, um pendant, que o antecede.

Fenômenos que têm características comuns com a intonação, mas que se vinculam a elementos da enunciação - ênfase, surpresa, indecisão, sinais indicativos de fim de um

enunciado longo (com o abaixamento contínuo do nível de al tura do padrão), sinal de pergunta "não é?", "né?" - são tratados como vocalizações, em que há, entre outros elementos intonacionais, a concorrência de um quarto nível to nal /4/, chamado de "tom enfático". As vocalizações são consideradas fora do campo da ingüística, porque (Rameh remete a Stockwell, Bowen, Silva- Fuenzalida, "Spanish Junctures and Intonation", in Readings in Linguistics, com pilado por M. Joos, N.Y., American Council of Learned Societies, 1958, pag. 406): "(1) elas podem ser acrescentadas a qualquer enunciado ou impostas sobre ele: não substituem qualquer parte do sistema microlingüístico intonacional; (2) podem estar totalmente ausentes de um enunciado, enquanto que um número especificável de traços microlingüísticos intonacionais devem estar presentes em qualquer enunciado; (3) não são discretas como os traços micro lingüísticos o são: não são organizáveis em unidades isola das que se agrupam em classes e padrões".

Note-se que esta posição quanto às "vocalizações" estarem fora do escopo da lingüística é frontalmente oposta à de Crystal, que as considera parâmetros intonacionais tão importantes de serem estudados quanto aqueles que fazem parte da estrutura da unidade tonal, por manifestarem intonacionalmente contrastes lingüísticos presentes no enunciado, se bem que de caráter diferente dos manifestados pelos traços que participam das unidades tonais. Além do

mais, prova que tais traços são perfeitamente sistemati-
dos (cf. "sistemas prosódicos" e não "sistema prosódico").

I.5.2. Lemle (1965) usa, de uma maneira geral, a mesma técnica de análise que Rameh, só que dela difere, por tentar dar uma generalização maior aos fatos intonacionais, (a) incluindo no seu campo de interesse a consideração de um acervo de contornos encontráveis em Português, classificável em termos de traços distintivos; (b) tentando dar conta de elementos semânticos da situação do discurso, como "incisivo/ não incisivo", "neutro/ não neutro"; (c) apresentando uma divisão de funções lingüísticas específicas de cada característica do contorno. Resolve estes problemas da seguinte forma:

- Características gerais dos contornos

Um contorno é formado por uma ou mais palavras fonológicas (caracterizadas pelo acento de intensidade e delimitadas por junturas) e delimitado pelas junturas ter-
minais: /↓/ descendente e /→/ nivelada. Consiste numa sucessão de subidas e descidas até que seja alcançada uma juntura terminal. Há três graus de altura, descritos relativa e configuracionalmente: /1/, /2/ e /3/, do mais ba-
ixo para o mais alto.

- Tipos de contornos (resultantes da configuração da linha intonacional e de suas fronteiras finais):

I. 3. f ↓ : neutro concluído

a menina tem aula amanhã¹↓

II. 3 2'↓: não- neutro concluído:

tudo isso é palavra nova^{3 2'}↓

III. 2 3'→: neutro de série:

escrevo nascer sem esse^{3 →}//, crescer sem esse^{2 3 →}//,

também com til sem eme...^{2 2 3 →}//

IV. 3 2'→: não- neutro de série:

filosofia^{3 2'→}//, matemática^{3 2'→}//, (h)istória^{2 →}//, gramáti-

ca...//

V. 1 3'↓: não-incisivo não-concluído; questão:

você não pode dizer que uma palavra é rara^{1 3'}↓(se
você não sabe se ela é rara).

VI. 1 3'→: incisivo não-concluído; suspensão

essa palavra (é rara)^{1 3'→}.

(VI é mais "matter of fact" que V).

- Traços distintivos (resultantes da combinação dos traços nos seis tipos de contornos):

	Neutralidade	Não-neutralidade
Conclusão	3 1' ↓ (I)	3 2' ↓ (II)
Lista	2 3' → (III)	3 2' → (IV)
Continuação	Não- incisivo	1 3' ↓ (V)
	Incisivo	1 3' → (VI)

- Funções lingüísticas desempenhadas pela intonação, de acordo com a especificidade da linha intonacional:

- demarcativa (configuracional), determinada pela direção geral da linha intonacional. Exemplo: "para baixo" indica "completteness": I, II;
- expressiva, determinada pela configuração da linha intonacional. Exemplo: descida gradual para o tom mais baixo: neutro: I, III;
- topical, determinada pela posição dos níveis tonais mais altos. Há dois tipos de tópico: neutro 3 (nível 3 acentuado) e 3 (nível 3 não acentuado).

A abordagem que Míriam Lemle faz da intonação é, a meu ver, mais abrangente e elaborada que a empreendida por Cléa Rameh. Lemle não pára na simples descrição fonê-

mica dos dados, mas abre sua abordagem para o estudo das funções lingüísticas desempenhadas pelos fatos intonacionais, o que contribui sobremaneira para a compreensão do problema do papel que a intonação exerce numa língua como o Português.

Notem-se as semelhanças do esquema de três escolhas funcionais que se podem efetuar no sistema de intonação com os três sistemas de Halliday: tonalidade, tom e tonicidade (dos quais voltaremos a tratar no capítulo que se segue), respectivamente às funções a, b e c acima.

Notas do Capítulo I

1. Entre os elementos vocais do discurso, há também as chamadas vocalizações: hmm, pss, traços de hesitação, que, segundo Crystal (1969), são itens lexicais semelhantes às interjeições, que raramente entram na estrutura das sentenças.

2. Diferenças entre traços prosódicos e paralingüísticos
 - do ponto de vista fonético: traços prosódicos são efeitos vocais constituídos por variações dos parâmetros de altura, duração, intensidade e silêncio (pausa); traços paralingüísticos são resultados de mecanismos fisiológicos outros que não as cordas vocais, tais como o resultado direto do trabalho das cavidades faríngea, oral ou nasal; são foneticamente menos discretos (variáveis ao extremo) e permitem mais variação idiossincrática que os traços prosódicos; são foneticamente descontínuos na fala, enquanto altura, intensidade e duração estão sempre presentes nela;
 - do ponto de vista funcional: os traços paralingüísticos são totalmente atitudinais, subjetivos, denotando o estado de espírito do falante e sua atitude para com a situação do discurso, enquanto que os traços prosódicos estão presentes em todo e qualquer enun-

ciado. Nos dados observados, não há coocorrência de elementos gramaticais com traços paralingüísticos. No entanto, sua presença pode servir para elucidar importantes elementos semânticos do ato de fala: podem adquirir um valor situacional bem marcante no ato de enunciação. Exemplos de traços paralingüísticos: voz rouca, fanhosa, trêmula, soluçante, risonha, conspiratória; cochicho; sussurro; etc.

Há linguistas que incluem elementos visuais, como: gestos, expressão facial, etc., dentro do âmbito dos traços paralingüísticos.

3. Note-se que o que Halliday chama de elemento tônico não tem nada a ver com a noção de acento de intensidade, e sim com a noção de núcleo do grupo tonal, de que participam elementos prosódicos, como: movimento de altura (tom) e ritmo (pé). Aliás, Halliday não opera com as distinções de intensidade, na definição estrutural do grupo tonal.
4. Tom, na acepção de Halliday, é o movimento de altura ("pitch movement"), que se estende pelo grupo tonal.
5. Sobre o conceito de delicadeza, ver capítulo II, pag. 39.
6. Para os tons secundários, que não consideraremos sistematicamente aqui, ver Halliday, 1973, pag. 110.
7. Crystal (1969, pag. 202) nega textualmente que a intonação seja um sistema crescente em delicadeza, dizendo que "a partir do modo como os falantes nativos reagiram diferentemente ao enunciado que tinham como mode-

lo- particularmente a partir de seus erros de identificação e de suas substituições - chega-se à conclusão de que, na análise intonacional, não se trabalha com um sistema de contrastes crescente em delicadeza até que se dê conta de todos os contrastes, mas com um 'sistema de sistemas' interagindo de diferentes modos, em graus diferentes e em lugares diferentes dentro da unidade tonal".

8. Crystal entende o "glide" como "uma mudança perceptível do movimento de altura de um nível para outro", mudança esta que abrange tanto uma única sílaba, quanto uma sílaba e a seguinte (v. pag. 142)
9. A noção de "sílaba de proeminência" é um importante conceito dentro do quadro teórico para a abordagem dos fenômenos intonacionais. É a que "recebe o 'acento primário' em oposição a outras(...), portadoras de 'acentos secundários'. A proeminência acentual de uma sílaba é redutível a um conjunto de traços fonéticos; o primeiro deles, em ordem de importância, é um movimento de altura marcado (não neutro) ("accent"); outros traços concomitantes são: a presença de uma gradação do acento de intensidade ("stress") e quaisquer outros traços prosódicos e segmentais, como: a sonoridade relativa dos sons, etc." (Crystal, 1969, pag. 120). Crystal define, portanto, a proeminência silábica predominantemente em termos de altura (como Halliday, cuja "sílaba tônica" é

entendida em termos tonais) e não de intensidade, como o faz Pike (1945). Crystal distingue "stress", cujo componente perceptual dominante é "loudness" (correlato perceptual da variação de amplitude, que estou traduzindo por "intensidade"), de "accent", cujo componente perceptual dominante é a altura ("pitch").

10. Crystal distingue entre tom cinético, movimento da curva de altura, e tom estático, responsável pelos níveis de altura relativa: alto, baixo, médio, etc. O primeiro pertence ao sistema prosódico de tom; o segundo identifica-se com o sistema de altura ("pitch range").

CAPÍTULO II

TOM, TONALIDADE, TONICIDADE

2.1. No capítulo precedente, estudamos três propostas que procuram dar conta da formalização da unidade intonacional, constituída por uma série de elementos prosódicos que interagem (nível de altura, tom, acento de intensidade, ritmo): o grupo tonal de Halliday, a unidade tonal de Crystal e o contorno intonacional de Pike. Embora partindo de concepções teóricas substancialmente diferentes, as três propostas têm em comum a consideração das seguintes necessidades, com relação ao tratamento dos fatos intonacionais:

- 1) estabelecer os limites da unidade intonacional;
- 2) determinar a posição do elemento proeminente (ou dos elementos proeminentes) dentro dessa unidade;
- 3) determinar a forma que adquire o tom ou curva de altura dentro dessa mesma unidade.

Estas três necessidades, que decorrem da pertinência dos elementos intonacionais que elas pressupõem, implicam na tarefa metodológica de sistematizar os fatos intonacionais, que, ao primeiro contacto do investigador, se apresentam muito flutuantes e de tão difícil tratamento.

Isto nos leva a uma questão sobre os fatos supra-segmentais: quais são os elementos intonacionais obrigatórios e os facultativos do enunciado ?

Esta questão pode ser respondida com a adoção de critérios que determinam a complexidade da análise, como o de "delicadeza" (*"delicacy"*) que Halliday adota. Partindo do princípio de que se pode representar a linguagem como um conjunto de opções, a análise pode ser mais ou menos refinada conforme a necessidade de apontar contrastes mais ou menos sutis. Portanto, "delicadeza" é um critério segundo o qual a análise se torna gradativamente mais complexa de acordo com a opção de teoria gramatical⁴ que nela se está levando em conta. Efetivamente, estudando o papel distintivo da intonação numa língua dada, podemos considerar, para a análise, desde a necessidade de estabelecer distinções gramaticais básicas (gramática *"stricto sensu"*: ver nota 1), até a necessidade de estabelecer distinções situacionais e atitudinais minuciosas, vinculadas a elementos pragmáticos do discurso. No primeiro caso, entram distinções como: enunciado afirmativo/enunciado interrogativo, dentro do sistema de modalidades que é objeto deste trabalho (ver cap. III). No segundo caso, consideram-se contrastes situacionais, ou melhor, inseridos no quadro da enunciação, como "ironia", "dúvida", "espanto", "ameaça", etc. Para dar conta de contrastes deste tipo, necessitamos detalhar minuciosamente a descri

ção lingüística no que tange aos elementos intonacionais (é o que Crystal, 1969, faz, cf. capítulo precedente); tais contrastes, numa língua como o Português, se manifestam não só com a concorrência de sistemas prosódicos como a altura (nível de altura e direção da curva de altura) a intensidade, o ritmo, como também da duração, da pausa e até de elementos paralingüísticos. Qualquer enunciado pode (e deve), uma vez inserido num ato de enunciação, conter elementos situacionais variadíssimos, cujas diferenças formais se manifestam geralmente apenas no componente não-segmental do discurso. Apesar do ceticismo que envolve o estabelecimento de um modelo lingüístico que possa dar conta de tais distinções, elas podem ser descritas (Crystal, 1969, estabelece sistemas intonacionais bastante complexos para descrevê-las) e ultrapassam o que Halliday chama de "primeiro grau de delicadeza".

Está implícito, portanto, que a decisão de tratar determinados elementos intonacionais como obrigatórios (invariantes) ou facultativos (variáveis) será determinada pela delicadeza na descrição. As características intonacionais correspondentes a tonalidade, tonicidade e tom estarão sempre presentes no enunciado, independentemente dos graus de delicadeza a que os fatos sejam submetidos: não se pode falar em grupo tonal sem a existência de um elemento "tônico" ou de proeminência (tonicidade), que dirige a curva de altura do grupo tonal (tom); além disso, todo grupo

tonal tem suas fronteiras delimitadas, o que implica uma certa extensão de enunciado (tonalidade). Acrescenta-se que todo enunciado está dividido prosodicamente em pés (unidades rítmicas reconhecidas por Halliday como obrigatórias no Inglês). Mas estes sistemas se peculiarizam à medida que se caminha para graus mais complexos de delicadeza. O sistema primário de tom, por exemplo, responde somente às exigências de um primeiro grau de delicadeza. O tom 1, dentro do sistema primário de tom, caracteriza-se pelo movimento tonal descendente, e pela tendência terminal baixa (representa-se o tom 1 pelo símbolo visual \searrow).

Conforme se estabelece a necessidade de mostrar contrastes mais sutis, refina-se a análise, e galga-se um segundo grau de delicadeza, caso em que se empregam os sistemas secundários de tom. O tom 1, dentro dos sistemas secundários de tom, corresponde a uma das opções enunciadas nos conjuntos A e B abaixo (Halliday, 1973, pag. 110).

A) com incidência no elemento tônico do grupo tonal:

Termo no sistema primário	Termo no sistema secundário	Símbolo de transcrição	Símbolo visual	Movimento tonal
1	1 largo	1+	\searrow	alto para baixo
	1 (neutro)	1	\searrow	médio para baixo
	1 estreito	1-	\searrow	meio-baixo para baixo

B) com incidência no elemento pretônico do grupo tonal:

Termo no sistema secundário	Símbolo de transcrição	Símbolo visual	Movimento do pretônico
l (neutro)	l	---\	avançando em direção ao ponto de início do tônico
l (rebatido) ("bouncing")	-l	vvv\	cada sílaba forte é baixa; o movimento do pé é ascendente

Exemplos:

Segundo Halliday, um dos contrastes marcados pelo tom l (primário), no Inglês britânico, num primeiro grau de delicadeza, é a caracterização geral dos enunciados declarativos. Num segundo grau de delicadeza, o tom l (secundário, com incidência no tônico), especifica-se da seguinte maneira, para marcar distinções mais sutis nos enunciados declarativos:

Tom l:novo³ não-contrastivo (neutro).

Tom l+: novo contrastivo

Tom l-: dado³.

Estes contrastes se observam nos dados abaixo:

(1) //l no in fact the //l+smaller ones / eat the / bigger ones //.

(2) //l-^perhaps / so //

(Halliday, 1973, pag. 122)

O conceito de delicadeza permite a Halliday estabelecer um elenco pequeno de cinco tons primários. Este elenco forma um sistema fonológico submetido a contínua seleção, e exaustivo tanto sintagmática quanto paradigmaticamente: a cada grupo tonal é atribuído um tom, numa escolha paradigmática, em que a escolha de um tom exclui a possibilidade de escolha dos demais, e os grupos tonais sucedem-se sintagmaticamente uns aos outros, sem sobreposição ou hiato.

Assim, de acordo com a delicadeza da análise, será traçado um limite entre o obrigatório e o facultativo: a decisão de tratar os elementos intonacionais como pertinentes ou não resulta do grau de delicadeza da análise. É bom notar, no entanto, que, para um esquema de análise superdiferenciado, como, por exemplo, o de Crystal (que, como vimos no capítulo I, rejeita o critério de delicadeza), o sistema intonacional deve ser bem mais amplo, para dar conta de contrastes fonológicos mais minuciosos, sem estabelecer limites entre o mais complexo e o menos complexo na descrição intonacional.

Como estabelecer os limites teóricos e metodológicos da delicadeza? Conforme Halliday, estes limites não são objetivamente estabelecidos, a não ser pela concepção de gramática que se adote. A delicadeza na descrição dos fatos intonacionais é uma decisão gramatical (ver nota 1) e não fonológica e envolve, portanto, uma opção teórica e metodológica prévia. Subjazem a esta opção perguntas

de tipo: "que critério devemos usar para traçar um limite entre o sistemático e o estilístico?", "devem-se incorporar elementos pragmáticos para definir o significado?"

Questões como estas observam-se nos vários níveis da análise lingüística e, no caso específico do problema tratado aqui, o critério de delicadeza pode nos ajudar. É o caso, por exemplo, de uma diferença significativa como "dúvida", ou melhor, descrença com relação a uma informação anterior, cuja marca formal, em grande parte dos enunciados em Português se manifesta no seu componente supra-segmental. Um enunciado como:

(3) Pedro foi embora,

com as seguintes características intonacionais:

- tom descendente;
 - tendência terminal: meio baixa;
 - âmbito de altura (distância entre o nível mais alto e mais baixo do tom): estreito;
 - duração da sílaba tônica (proeminente): longa,
- emitido, por exemplo, num contexto em que se pressupõe que o interlocutor tenha dado uma informação anterior sobre a ida de Pedro, na qual o falante não acredita, é equivalente semanticamente a:

(4) Eu duvido que Pedro tenha ido embora,

em que o performativo "eu duvido" explicita lexicalmente a dúvida por parte do emissor. O enunciado (3), no caso em

questão, é a reprodução segmental de um enunciado anterior, e é emitido com uma descrição intonacional de modo a exprimir essa descrença.

Para se dar conta da sistematização deste traço semântico, vinculado ao ato de fala, lançamos mão, na análise, de um grau mais complexo de delicadeza. Pode-se dizer que, uma vez formalizado sistematicamente este traço (a que Pike chamaria de "atitudinal"), manifestado pela intonação, ele será incorporado à gramática na descrição de uma língua como o Português. O "situacional", o "atitudinal", neste caso, passa a ser estudado num determinado ponto da gramática, graças a uma opção teórica que leva em conta contrastes manifestos na enunciação, incorporando elementos pragmáticos (relação falante - ouvinte - contexto), e as funções refletidas na forma da linguagem, tal como a teoria funcional de Halliday.

No entanto, não nos propomos, no presente trabalho, dar uma resposta a estas indagações, a não ser esta primeira consideração aproximativa, se bem que tenha sido este um dos problemas metodológicos mais sérios com o qual nos deparamos no estabelecimento de critérios delimitativos no tratamento do fato intonacional. Como medida prática, tratamos, neste trabalho, de contrastes gramaticais explicáveis, em regra, num primeiro grau de delicadeza, para operar com dados intonacionais que revelam contrastes no sistema de modalidades (ver cap. III). Enten-

do por "contrastes gramaticais explicáveis num primeiro grau de delicadeza", contrastes gramaticais que se prestam a uma sistematização mais simples, em termos das categorias intonacionais envolvidas.

2.2. Os três conjuntos de opções descritos acima (pág.38) representam o que Halliday chama de "intonação" propriamente dita, como vimos no cap. I: uma escolha entre três conjuntos sistêmicos ("systemic sets"), com funções e características específicas - tonalidade, tonicidade e tom. Examinaremos a seguir estes três conceitos e suas possibilidades operacionais com dados do Português, para, depois, no cap. III, dar um tratamento aos fatos intonacionais que manifestam as modalidades.

2.2.1. A delimitação das fronteiras dos grupos tonais.

A tonalidade, segundo Halliday (1973), é o sistema (isto é, conjunto de escolhas) responsável pela delimitação dos grupos tonais dentro do enunciado. Aqui se colocam duas questões:

- 1a.) Como delimitar formalmente um grupo tonal?
- 2a.) A segmentação do enunciado em grupos tonais corresponde à sua segmentação em unidades gramaticais?

Com relação à primeira questão, Halliday não

chega a explicitar, no artigo referido, os critérios formais (ou fonéticos) segundo os quais se determinam as fronteiras do grupo tonal, a não ser com a indicação do elemento tônico⁴ (ver adiante: tonicidade), o que não resolve satisfatoriamente o problema: a demarcação das fronteiras do grupo tonal acaba repousando em grande parte em bases intuitivas. Ademais, não lhe interessa efetivamente penetrar em complexidades fonológicas para definir sua proposta de sistemas intonacionais; mesmo prevendo graus mais complexos de delicadeza, não chega a apontar critérios fonéticos mais detalhados para dar conta da segmentação dos grupos tonais. Crystal (1969), interessado em alargar o âmbito teórico para todas as manifestações de contrastividade fonológica dos sistemas prosódicos, estabelece, como critérios para tal delimitação, fatores fonéticos, muitas vezes simultâneos (como vimos na pág. 18 do capítulo I), que retomamos a seguir:

1^o) Mudança perceptível do movimento de altura, cuja direção dependerá do tom nuclear antecedente; se ele for descendente, a mudança é para cima; se ascendente, para baixo. Ex.:

- (5) // Antes de sair de uma cidade grande,
 // já faça suas provisões//. (L., I, 9)
 (O item lexical sobre o qual incide o tom nuclear está sublinhado).

2º) Presença de traços junturais no fim de cada unidade tonal, que geralmente tomam a forma de uma breve pausa⁵. Ex.:

(6) ... essas rosquinhas são boas, |// dão
prá comer (L., I, 4).

(7) Tradução |// é muito diferente de au-
tor para autor (L., II, 1).

Note, no entanto, que a presença da pausa⁶ - silêncio que efetua uma quebra no ritmo do enunciado - não marca necessariamente uma fronteira intonacional: pode ser uma marca de hesitação por parte do falante⁷; neste caso, a pausa silenciosa apresenta uma variante vocalizada. A pausa de hesitação não é, obviamente, marca juntural. Ex.;

(8) // _ Dai // _ eu pelo... pelo contexto,
// \ eu achei que devia ser... da mitologia,
// / né? (L., II, 30).

Por outro lado, a fronteira intonacional não se delimita necessariamente com a pausa, como o demonstra o dado (5). Pode-se dizer que há uma pausa potencial na fronteira dos grupos tonais, mas que não é necessariamente realizada. De qualquer maneira, deve-se notar que a pausa não é um critério fonético seguro para se delimitar grupos tonais dentro de um enunciado. É preciso recorrer simultaneamente a outros critérios, como o movimento per-

ceptível de altura do grupo tonal, tal como Crystal o coloca⁸

Passemos agora à segunda questão: os grupos tonais delimitam unidades gramaticais? Em outras palavras: a divisão do enunciado em grupos tonais é compatível com a sua divisão em unidades gramaticais? E, no caso de resposta positiva, que tipos de unidades gramaticais coincidem com o grupo tonal?

Não há, efetivamente, evidência que nos mostre uma relação fixa entre grupos tonais e unidades gramaticais;

pelo contrário, como foi dito na pág. 8, a relação entre elementos supra-segmentais e segmentais é essencialmente variável. De fato, o grupo tonal não corresponde univocamente a unidades gramaticais específicas, e uma afirmação deste tipo correria o risco de ser circular. Uma locução, por exemplo, pode ser o componente segmental sobre o qual incida um grupo tonal completo (desde que nela haja um elemento tônico, ou proeminente), ou sobre o qual incida uma parte do grupo tonal. Note, porém, que as fronteiras intonacionais devem obedecer a certas exigências de constituição gramatical. Dificilmente encontraríamos uma segmentação intonacional que separe, por exemplo, um determinante de um determinado (um artigo de um nome, numa mesma locução nominal, por exemplo), se ambos se inserem num mesmo enunciado:

(9) * // / Os // \ mais belos poemas de nossa litera-

tura estão reunidos neste livro⁹.

A afirmação de que o grupo tonal não corresponde univocamente a unidades gramaticais específicas devem ser feitas algumas exceções, que se vinculam a unidades gramaticais - como o vocativo, o eposto - cuja segmentação é coincidente com a segmentação do grupo tonal. Do mesmo modo, frases parentéticas se delimitam efetivamente como um grupo tonal, têm uma intonação característica - seu tom se realiza com um nível de altura mais baixo que o das demais seqüências não parentéticas do enunciado (ou dos enunciados que compõem o discurso ou fragmento de discurso) - e determinam uma interrupção dentro de um grupo tonal mais amplo. Ex.:

(10) // \ que você pode, [// _ por exemplo, //] traduzir como // "que implica" // \ ou "implicando" // (L., II, 12).

Participam dessa categoria, entre outros, os seguintes tipos de expressões:

- expressões adversativas- "agora";
- expressões explicativas- "isto é", "aliás", "por exemplo", "quer dizer";
- citativas (indicadores de falantes de um ato de comunicação): "ele disse";
- formas polidas de solicitação ou pedido (operadores pragmáticos): "por favor", "faz favor".

Estas expressões, no entanto, muitas vezes se incorporam a um grupo tonal mais amplo, isto é, com uma só escolha de tom incidindo sobre todo o enunciado, em expressões de polidez:

(11) // / Você poderia por favor fechar a porta? //

Há um consenso segundo o qual o grupo tonal coincide geralmente com uma oração. Mas, se observarmos o corpus disponível para nossa análise, veremos que os grupos tonais podem coincidir com uma oração, com constituintes de uma oração..., ou com seqüências maiores que uma oração, com freqüências sensivelmente próximas. Os dados abaixo ilustram as várias possibilidades:

Um grupo tonal coincidindo com uma oração:

(12) // — Mas eu não posso dar muita certeza //
 \ porque eu não costumo viajar muito de carro //
 (L., III, 52).

Um grupo tonal incidindo sobre uma seqüência segmental que comporta mais de uma oração:

(13) // \ Eu sei que os italianos plantaram as primeiras videiras no Brasil. // (L., III, 54).

(14) // \ Ele veio quando quis //.

Um grupo tonal incidindo sobre um constituinte

de uma oração:

(15) // \ Ele quase morreu, // \ coitado // (M.A.,
I, 11)

As opções de segmentação do enunciado em grupos tonais não são, porém, arbitrárias. Segmentar os grupos tonais de modos diferentes é uma opção de algum modo significativa. Compare, por exemplo, os enunciados (16) e (17):

(16) // \ Tinha que prestar muita atenção prá não
escrever muita bobagem lá // (L., II, 23).

(17) // \ Tinha que prestar muita atenção // \
prá não escrever muita bobagem lá //.

A diferença de significado entre (16) e (17) - o foco está em atenção e lá no enunciado (17) e em lá no enunciado (16) - reside formalmente no fato de que (16) consiste de um só grupo tonal (um só elemento tônico ou de proeminência) e (17), de dois (dois elementos tônicos ou de proeminência). Outro caso de diferença significativa refletida na segmentação do enunciado em grupos tonais está ilustrado nos enunciados (18) e (19) abaixo:

(18) // \ Você não devia ter falado francamente //.

(19) // \ Você não devia ter falado; // \ francamen-
te.

No enunciado (18), o advérbio francamente refere-se à ação verbal falar; em (19) francamente é um advérbio frasal, isto é, refere-se à oração como um todo: "eu, com franqueza, declaro que você não devia ter falado". A diferença significativa entre estes dois casos se manifesta formalmente no fato de que o primeiro se incorpora num grupo tonal maior e sobre o segundo incide um grupo tonal completo.

Halliday resolve esse impasse postulando a oração ("clause") como o termo não marcado do grupo tonal: a oração neste caso, é dita portadora de "tonalidade neutra"; apresentando duas alternativas marcadas:

- a) o grupo tonal incidindo sobre uma seqüência segmental maior que uma oração;
- b) o grupo tonal incidindo sobre uma seqüência segmental menor que uma oração.

Por exemplo:

Tonalidade neutra:

(20)// 1 Peter's/ helping them/ now//

Tonalidade marcada:

a)

(21)// 4^ this/wouldn't count a/gainst you when
you / did your / maths paper//.

b)

(22) //4 they can / change / overnight / then //
 1^ into / something completely / different //
 (Halliday, 1973, pag. 115).

Halliday, no entanto, não atribui à tonalidade neutra uma correspondência sistemática nos dados do Inglês observados, isto é, ele evita vincular a tonalidade neutra à frequência de ocorrência, mas lança mão de um artifício metodológico para facilidade de análise: é mais fácil descrever as outras possibilidades em contraste com esta. Na realidade, "há uma tendência de o grupo tonal corresponder em extensão com a oração; podemos tirar vantagem desta tendência, encarando a seleção de um grupo tonal para uma oração completa como o termo neutro no primeiro dos três sistemas (...). Mas, de fato, o grupo tonal é regularmente mais do que uma oração e regularmente menos do que uma oração" (Halliday, 1973, pag. 113).

Trabalharemos, no capítulo III, quando do tratamento dos contrastes manifestados pela intonação no sistema das modalidades, com a noção de tonalidade neutra, já que os contrastes marcados pelo sistema de tonalidade não são determinantes no caso das modalidades tratadas neste trabalho, correspondentes a enunciados interrogativos, imperativos e declarativos.

2.2.2. A localização do elemento proeminente dentro do grupo tonal.

O sistema de tonicidade, responsável pela localização da sílaba de proeminência (ver nota 8 do capítulo I) ou, segundo Halliday, da sílaba tônica dentro do grupo tonal, está intimamente relacionado com o de tonalidade: a escolha do número de grupos tonais e a demarcação de suas fronteiras dentro do enunciado acompanha de perto a escolha do número de elementos tônicos e de sua localização.

Para o sistema de tonicidade, Halliday estabelece um termo neutro: o grupo tonal é neutro em tonicidade se o tônico cai no último elemento da estrutura gramatical que contém um item lexical. Em outras palavras, fazendo referência ao léxico, o tônico, na tonicidade neutra, cai no último item lexical dentro do grupo tonal¹¹. Parece-me preciso acrescentar a esta afirmação a observação de que o elemento de proeminência, dentro do grupo tonal, coincide, em seu termo neutro, com a sílaba acentuada (acento de intensidade) dentro da palavra fonológica, nos termos em que Lemle (1956) a coloca (v. pág.30), ou, na terminologia de Pike(1945), na sílaba "acentuada por natureza". É possível, porém, encontrar contrastes em tonicidade dentro da palavra:

(23) // Não disse inqualificável,// mas desqualificável.

No primeiro grupo tonal do enunciado (23), temos

un caso de tonicidade neutra, com o elemento tônico incidindo sobre a sílaba do último item lexical do grupo tonal normalmente acentuada segundo as regras de acentuação do Português; no segundo grupo tonal, há um caso de tonicidade marcada, com a incidência do elemento tônico em outro ponto do grupo tonal que não na sílaba normalmente portadora de acento de intensidade. Estes contrastes em tonicidade são estabelecidos no âmbito da palavra, pois estão em jogo características distintivas de dois itens lexicais: inqualificável / desqualificável.

Para o Inglês, tanto Halliday quanto Crystal definem o elemento de proeminência da unidade tonal primeiramente em termos de altura, sendo que Crystal o faz também, secundariamente, em termos de intensidade, mas coincidindo um com o outro. Isto é válido em parte para o Português, pois normalmente a sílaba portadora de acento de intensidade tende a ter proeminência de nível de altura, como já notou Rameh 1962). Em seu trabalho, ela estabelece que a realização desta subida no nível de altura é condicionada pelo acento de intensidade, sendo, assim, alofone posicional dos fonemas de altura (ver pag. 28).

No entanto, há dados que mostram que, em Português, a proeminência em termos de altura coincidindo com intensidade não pode ser estabelecida como regra geral:

(24) [↑]Realmente (M.A., I, 27).

Alguns exemplos de tonicidade neutra, estabelecidos por Halliday, são:

(25) // 5 ^ I/ very often / meet him in the /
square // (pag.117)

(26) // 2 did they ever / get a / hundred per/
cent // (pag.117)

(27) // 1+ ^ That's / why it's so / awful to / have
to get / rid of it // (pag.117)

O dado (28) ilustra um caso de tonicidade neutra em Português:

(28) // \ eu tenho que perguntar // \ ficar pergun-
tando // (L, II, 51)

Os contrastes em tonicidade são estabelecidos a partir da oposição da tonicidade neutra com tonicidade marcada, isto é, a colocação do tônico em outros pontos do grupo tonal que não nos especificados acima. Exemplo:

Com tonalidade neutra:

- tonicidade neutra:

(29) // 1 ^ There's a/nother one in the / kitchen //.

(um só tônico: um ponto de informação - ver adiante, pag.60).

(30) // 13^ There's a/nother one in the /kitchen //

(dois tônicos- dois pontos de informação - um maior e um menor)

-Tonicidade marcada:

(31) // 1^ There's a/nother one in the/kitchen //

(Com tonalidade marcada)

(32) // 1^ There's a/nother one in the // 1 kitchen//

Em Português:

(33) // ~ O artigo que me matei prá traduzir // ~
foi do Bierwisch// (L.,II,7).

Sobre o enunciado (33), incidem dois grupos tonais: no primeiro, temos um caso de tonicidade marcada; no segundo, de tonicidade neutra.

Há dois casos de tonicidade marcada em Português, especialmente relevantes para o presente trabalho:

1) enunciados imperativos, como:

(34) // ~ Fecha a porta // ;

2) uma classe de enunciados interrogativos: os interrogativos não polares, ou de informação, ou com palavras

interrogativas", como:

(35) // \ Quando você vem?

Nestes dois casos acima, o elemento tônico incide sobre o elemento segmental que se encontra em posição temática¹² no enunciado. Dado que o tema, segundo Halliday, coincide com o sujeito em posição inicial do enunciado em orações afirmativas, ele é marcado se outro elemento da estrutura gramatical ocupar essa posição. No caso das sentenças interrogativas não-polares, é colocado em primeiro lugar no enunciado o elemento que contém um pedido de informação: a palavra interrogativa, que é o elemento questionador numa pergunta desse tipo, pois o tema típico de uma oração interrogativa é um pedido de informação. No caso dos enunciados imperativos, o mando (ver pag. 77 do capítulo III) típico (a ordem) se expressa linguisticamente pelo modo verbal (imperativo), que se situa na posição temática do enunciado, já que a sentença imperativa não tem necessariamente sujeito gramatical expresso (e se o sujeito é expresso, ele não se encontra em posição temática). O elemento tônico incide normalmente, nos enunciados imperativos, sobre a sílaba normalmente acentuada do verbo. Trataremos destes dois casos de tonicidade marcada mais minuciosamente no capítulo que se segue.

O elemento tônico - ou núcleo tônico - é o elemento essencial dentro do grupo tonal: balizador da tonalidade

de e do tom. Nos enunciados elípticos, é ele que permanece:

(36) // \ Incrível // (M.A., I, 17)

(37) (Adivinha com que ela penteia o cabelo?)
// \ Com garfo // (L., I, 48)

Elementos clíticos (átonos por definição), como: algumas preposições, artigos, algumas conjunções, etc., não figuram num enunciado elíptico, a não ser em casos em que são portadores de marca prosódica de proeminência (altura e / ou intensidade), tornando-se, assim, foco do enunciado, como no exemplo (38) abaixo:

(38) (Você disse que vai com ou sem ele?)
// \ Com // .

São casos esporádicos que, desvinculados de um ato de enunciação, parecem estranhos quanto à aceitabilidade.

A tonicidade do grupo tonal se vincula, quanto à sua função comunicativa, ao foco do enunciado, ou ao que Halliday chama de novoc, elemento obrigatório num enunciado, em contraposição ao dato, que é opcional. O elemento tônico marca o ponto de maior informatividade (no conjunto de informações) que o falante quer transmitir num ato

de fala; portanto, o elemento de proeminência intonacional está intimamente relacionado com o elemento de proeminência significativo.

2.3. A direção da curva de altura dentro do grupo tonal.

Halliday estabelece para o Inglês britânico, como vimos, um elenco de cinco tons primários, e mais dois tons resultantes da combinação dos tons 1 com 3, e 5 com 3, para dar conta de grupos tonais com dupla tonicidade, perfazendo o total de sete tons primários (cf. Capítulo I, pag. 13). Admite que seja possível, em Inglês, encontrar enunciados contendo grupos tonais que não se enquadrem no elenco estabelecido, mas nos "corpora" por ele observados, que continham quase dois mil grupos tonais, não encontrou nenhum grupo tonal que não tivesse selecionado um ou outro dos cinco (ou sete) tons.

Para o presente trabalho, não procuraremos dar conta de um conjunto fixo de tons para o Português, pois esta é uma tarefa que foge ao nosso escopo imediato. Nas observações dos dados feitas até aqui, e nas que se seguem, está transcrito, no início do enunciado, o símbolo visual correspondente ao tom do grupo tonal em questão. Assim, no enunciado (39) abaixo,

(39) // — Antes de sair de uma cidade grande, //
 \ já faça suas provisões // (L., I, 9),

o símbolo visual — tem as seguintes características:

- tom ascendente;
- altura terminal: média;

e o símbolo visual \, as seguintes:

- tom descendente;
- altura terminal: baixa.

Observa-se ainda que o ponto inicial do tom é de terminado pela localização da sílaba tônica.

Não é possível, de um modo geral, estabelecer os termos neutros e marcados do sistema de tom, a não ser que estejam vinculados a sistemas gramaticais específicos; em outras palavras, deve-se pressupor uma observação gramatical para determinar os termos neutros e marcados do sistema de tom. Por exemplo, dentro do sistema de modo, no Inglês, de que fazem parte enunciados imperativos, afirmativos, interrogativos e "sem modo" ("moodless"), o tom 1 pode ser encarado como neutro para todos eles, exceto para as interrogativas polares ou sim/não, que têm o tom 2 como neutro. Assim, para as sentenças afirmativas, o tom 1 indica "afirmação ou resposta" (termo neutro) e o tom 2 indica também "afirmação ou resposta", com as características de: "desafio", "agressividade", "defensividade", "indignação", por parte do falante. Ex:

(40) // -2 I don't know // (em resposta a "how extraordinarily inefficient")

Concluindo, Halliday afirma que a estrutura de informação da linguagem é expressa, em Inglês, pela intonação. A tonalidade marca um tipo de unidade da atividade lingüística: "cada grupo tonal representa o que o falante decide converter em unidade de informação" (Halliday, 1976, pag. 157), isto é, cada grupo tonal representa um movimento na operação lingüística (ou verbal). A tonicidade marca o ponto focal de cada unidade da atividade verbal: cada movimento tem um (maior), ou um maior e um menor (no caso de dupla tonicidade) ponto de concentração, mostrado pela localização da sílaba tônica, que é o ponto inicial do elementoônico. A tonicidade vincula-se à localização do elemento novo na unidade informativa. O tom marca o tipo de atividade em questão, através de um sistema que envolve dois tipos de polaridade: certa e incerta. "Se a polaridade é certa, a altura doônico cai; se incerta, sobe. Assim o tom 1 é uma asserção, ou uma dúvida polêmica que não envolve polaridade, e o tom 4 que desce e depois sobe, é uma asserção que envolve ou implica uma dúvida polêmica. O tom 2 é uma indagação refutada, contrariada por uma asserção. O tom 3 evita uma decisão; se for uma asserção, é no máximo confirmativa ou contingente(...)" (Halliday, 1973, pag. 124)

NOTAS DO CAPÍTULO II

1. Há uma ambigüidade que se nota ao longo deste trabalho quanto à consideração de "gramatical". Para esclarecer esta ambigüidade, podemos estabelecer uma distinção entre gramática "lato sensu" e gramática "stricto sensu". A primeira diz respeito à estrutura sintática e morfológica da oração. A segunda engloba elementos que ultrapassam esta estruturação, a saber: elementos pragmáticos, elementos decorrentes do uso da linguagem, sistematizáveis gramaticalmente.
2. No capítulo III, pag.97, dá-se uma idéia de análise intonacional num segundo grau de delicadeza, para a descrição de um tipo de enunciados interrogativos não-polares.
3. Segundo Halliday, a estrutura de informação da linguagem é constituída pela dicotomia dado/novo. A função novo, elemento obrigatório, significa "tratado pelo falante como informação não recuperável": informação que não se espera que o ouvinte extraia por si mesmo do texto ou da situação. O elemento dado, opcional, pelo contrário, é a informação já conhecida, recuperável pelo texto ou situação. (Halliday, 1976).
4. O movimento de altura (tom) é dirigido pelo elemento tônico do grupo tonal (o elemento tônico começa na sílaba tônica), de modo que não há elemento postônico ,

do que se deduz que haverá segmentação do grupo tonal no segmento intonacional imediatamente seguinte ao movimento de altura do tônico.

5. Note que estamos nos referindo à delimitação de grupos tonais dentro do enunciado. É de se esperar que haja sempre, na delimitação de grupos tonais que se encontram na fronteira entre dois enunciados, a presença conjuntural de uma pausa - no caso, silenciosa - a que Pike chama de final.
6. Crystal (1969, pag.167) remete a F. Goldman- Eisler ("Speech analysis and mental processes", Lg. & Sp., 59-75, 1958) a divisão entre pausas devidas à necessidade biológica da respiração, a que ele, Crystal, chama de estruturais, e pausas devidas à hesitação (pausas de hesitação). As primeiras, em dados do Inglês lido alto, são gramaticalmente predizíveis, pois sua frequência e colocação é uma função da estrutura gramatical das sentenças, por incidirem fundamentalmente na delimitação conjuntural de frases e constituintes frasais. As pausas de hesitação, ao contrário, não são predizíveis gramaticalmente, podendo ocorrer até mesmo no meio de um constituente. A predizibilidade das pausas estruturais é, no entanto, discutível, sob dois aspectos: a) a pausa estrutural, em qualquer registro que se analise, está necessariamente condicionada pela respiração ou há outros tipos de condicionamento a serem levados em conta? Compare, por exemplo, os enunciados (i) e (ii) abaixo:

(i) // Isso era assim antigamente//

(ii)// Isso era assim // antigamente//

O enunciado (i), que contém um só grupo tonal, distingue-se do enunciado (ii), pela inclusão de uma pausa estrutural, dividindo-o em dois grupos tonais. Se estes dois enunciados fossem perfeitamente sinônimos, a colocação da pausa estrutural poderia ser facultativa, desde que obedecesse a estrutura dos constituintes da sentença. Mas há uma diferença significativa, que reside no fato de que no enunciado (ii) há dois núcleos de proeminência intonacional coincidentes com dois focos: assim e antigamente; em (ii), há um núcleo de proeminência e um foco. Portanto, tudo leva a crer que as necessidades biológicas de respiração não são determinantes na colocação das pausas estruturais; há outros fatores, como foco, topicalização, que entram em jogo na manifestação dos sistemas prosódicos.

b) A presença da pausa estrutural é necessária para a delimitação da fronteira intonacional? Na pag. 48, vemos que não.

7. Quanto à função da pausa de hesitação, há uma hipótese (Crystal, 1969, pag.168), segundo a qual sua maior ou menor incidência no enunciado está na razão direta da maior ou menor novidade na elaboração do discurso: o indivíduo tende a falar mais "fluentemente" (isto é, com um número reduzido de pausas de hesitação) se o assunto já

é bem conhecido e elaborado, e, ao contrário, seu discurso estará repleto de pausas de hesitação se o assunto é novo, recém-elaborado. Ainda que interessante do ponto de vista da elucidação de alguns elementos do discurso, esta hipótese é discutível e de difícil generalização, pela grande variedade dialetal, idioletal e de registro presente no uso das pausas de hesitação.

8. Como operamos com tonalidade neutra (ver pag.53), o problema delimitação fonética dos grupos tonais fica, assim, em aberto e não é resolvido neste trabalho. Nosso intuito é apenas o de levantar o problema e fornecer subsídios para sua solução.

9. A não ser que se imagine um contexto situacional, como: "a professora ditando uma sentença a seus alunos, que estão sendo alfabetizados":

//_ O // / menino // / é // \ bonito //

De qualquer maneira, este dado soa bastante forçado, e sua descrição intonacional deverá logicamente ser objeto de um grau mais complexo de delicadeza.

10. Estabelecendo como "tonicidade neutra" a incidência da sílaba tônica no último item lexical da seqüência gramatical, Halliday descarta a possibilidade de "ítems gramaticais" - elementos clíticos em geral - de serem portadores de sílaba tônica; portanto, de serem núcleo de um grupo tonal.

11. A. D. Rodrigues (comunicação pessoal) observa que in- e des- poderiam ser considerados elementos lexicais inde-

pendentes, em composição com qualificável, caso em que a acentuação de des- seria análoga à de sem em Não trabalhei com ele, mas sem ele

De qualquer maneira, os contrastes de tonicidade parecem resistir à noção de morfem. Há sempre um elemento significativo envolvido nos contrastes estabelecidos pelo deslocamento do núcleo de proeminência dentro do grupo tonal.

12. Por posição temática, Halliday entende a posição que ocupa no enunciado o primeiro elemento que contenha um ítem lexical. Uma sentença afirmativa, cuja posição inicial é ocupada por sujeito, é "neutra" em tema; qualquer elemento, que não um ítem gramatical (ver nota 10), ocorrendo antes do sujeito na sentença afirmativa, é "temático" (Halliday, 1973, pag. 115). Estes conceitos advêm da noção dicotômica de tema e rema, constituintes da estrutura temática da linguagem: "em Inglês, o tema de uma oração é o elemento colocado em primeira posição"; o rema é o elemento restante do enunciado, tirando-se o tema. "É como se ele (o tema) fosse o cabide ao qual se pendura a mensagem, sendo o rema o corpo da mensagem" (Halliday, 1976, in Lyons, 1976, pag. 155)

CAPÍTULO III

INTONAÇÃO E MODALIDADES NO PORTUGUÊS

3.1. Para definir a noção de modalidade com a qual vamos operar, é necessário optar por um critério que dê conta dela satisfatoriamente. A teoria dos atos de fala, introduzida na filosofia da linguagem pelos filósofos analíticos de Oxford, fornece diretrizes para a solução desse problema. Utilizaremos, neste capítulo, alguns conceitos desta teoria, encontráveis em Austin (1970), Searle (1972) e em Lyons (1973).

A referida teoria reconhece uma dimensão social e interpessoal ao fato lingüístico, na medida em que este não se limita em expressar uma fonte de transmissão de informações descritivas como um fim em si mesmas. Mesmo quando o falante "comunica" algo lingüisticamente, esta comunicação não é neutra, pois não constitui uma simples transmissão de informações, mas é um modo pelo qual o falante tenta influenciar o ouvinte, quer chamando a atenção deste para um determinado universo de discurso— que é seu, do falante —, quer fazendo com que o ouvinte tome uma atitude frente a algo novo que se lhe apresenta, ou ainda marcando lingüisticamente o assunto e os locutores participantes de um ato de fala. Produzir um enunciado é um ato pelo qual ouvinte e falante interagem lingüística

e socialmente. Deste ponto de vista, a função comunicativa da linguagem não é privilegiada frente às demais, como quer a concepção saussuriana de língua, segundo Lyons (1973). Devem-se levar igualmente em conta, para a compreensão da natureza das funções lingüísticas, a interação falante-ouvinte-contexto, a atividade lingüística, a criatividade individual e as intenções do falante no uso da linguagem.

Dentro desse quadro geral, a teoria dos atos de fala traça um quadro específico, onde as modalidades se inserem. Elas fazem parte do que Austin (1970) chama de enunciados performativos¹ e realizam um ato ilocucional², isto é, a prática de um ato através do uso da linguagem. Quando se ordena, se promete, se afirma, se proíbe, se faz uma pergunta, se alerta, lançando mão, para tanto, de signos de uma linguagem articulada, está-se praticando, ao mesmo tempo, o ato de:

- ordenar:

(Eu ordeno que você) feche a porta;

- prometer:

(Eu prometo que) estarei aqui às duas horas;

- afirmar:

(Eu afirmo que) o gato morreu;

- proibir:

É proibido fumar;

- perguntar:

Eu pergunto se o café acabou;

O café acabou ?;

- alertar :

Os passageiros são alertados para o perigo de viajar com a cabeça de fora.

Os atos ilocucionais se realizam sob certas regras retóricas -chamadas de condições de felicidade³- e instauram, na situação do discurso, um comprometimento do falante e do ouvinte com a atividade lingüística envolvida. As modalidades: afirmar, perguntar e ordenar ou pedir são, conforme Lyons (1973), atos ilocucionais básicos e universais (no sentido de que são atos realizados em todas as sociedades humanas), e correspondem, gramaticalmente, a três categorias de enunciados a que chamaremos de declarativos, interrogativos e imperativos, respectivamente. A força ilocucional⁴ de tais enunciados se manifesta, no plano da expressão, por certos mecanismos lingüísticos, como

- marcas lexicais:

a) verbos performativos na primeira pessoa do singular:

eu ordeno que...	}	para a categoria de enunciados "imperativos"
eu solicito que...		
eu peço que...		
eu afirmo que...	}	para enunciados que se categorizam como "declarativos"
eu declaro que...		
eu diria que...		

eu pergunto se... } para a categoria de enunciados
 dos "interrogativos"

b) pronomes e advérbios interrogativos, no caso de enunciados interrogativos não- polares (ver adiante);

- marcas morfológicas, como: tempos e modos verbais (flexão verbal);

- marcas sintáticas: ordem estrutural dos elementos;

- marcas intonacionais: os tipos de enunciados que realizam linguisticamente as modalidades têm características intonacionais específicas.

Portanto, as modalidades (definidas como atos ilocucionais no plano do conteúdo) se manifestam, no plano da expressão, por determinados mecanismos gramaticais segmentais, concomitantes com mecanismos intonacionais . Há casos, em que a única marca pertinente entre uma e ou tra categoria é a intonação. Interessa-nos dar atenção especial, neste trabalho, aos casos em que a diferença intonacional , isto é, diferenças no plano da expressão, acarreta diferenças de categorização no sistema de modalidades.

Estaremos trabalhando com três níveis de análise, em ordem decrescente, de tal maneira que os superiores englobem os inferiores.

1) O nível dos tipos de enunciados. Neste nível, estudaremos categorias gerais do sistema de modalidades, das quais selecionamos três, os enunciados declarativos, imperativos e interrogativos, definidos, no plano do conteúdo, como atos ilocucionais e manifestados, no plano da expressão, por certos mecanismos gramaticais, como vimos. Dentre os enunciados imperativos, distinguiremos duas categorias: a ordem e o pedido; dentre os enunciados interrogativos, distinguiremos os interrogativos polares e os não polares.

2) O nível das formas gramaticais. Neste nível, estudaremos os mecanismos gramaticais (entre os quais a intonação), pelos quais se manifestam as modalidades apontadas em 1). Veremos que não há, no sistema de modalidades, correspondência unívoca entre forma gramatical e tipo de enunciado. Nem sempre, por exemplo, uma sentença de forma gramatical interrogativa expressa um enunciado interrogativo. Pode expressar um pedido.

3) Um terceiro nível de análise distingue as formas gramaticais apontadas em 2) entre componente segmental-sequência estrutural fonológica (segmental), morfológica, sintática, lexical do enunciado- e componente supra-segmental- onde se organizamos traços supra-segmentais pertinentes, no caso, ao sistema de modalidades. Veremos que

a cada seqüência segmental não corresponde univocamente uma descrição intonacional (é essa, aliás, uma das características gerais dos elementos prosódicos, numa língua como o Português, como vimos no capítulo I e reiteramos no capítulo II). Por exemplo, uma mesma seqüência segmental pode ter descrições intonacionais diferentes, que acarretem diferenças no nível da forma gramatical e no nível do tipo de enunciado ou na categorização das modalidades, como observamos nos dados (41) e (42) abaixo:

(41) // \ Fecha a porta // (ordem)

(42) // / \ Fecha a porta // (pedido)

As seqüências segmentais de (41) e de (42) caracterizam-se por uma sentença de forma gramatical imperativa; (41) e (42) diferem um do outro no componente supra-segmental, com relação a diferentes seleções nos sistemas de tom e tonicidade, como veremos adiante. Estas diferenças verificadas no componente supra-segmental determinam diferenças de categorização no tipo de enunciado imperativo: ordem/pedido.

Utilizaremos o modelo de descrição proposto por Halliday(1973) para dar conta das características intonacionais das modalidades consideradas, pelas razões expostas anteriormente (cap. II). Consideraremos os contrastes estabelecidos a partir do sistema de tom e de tonicidade,

e trabalharemos com o conceito de tonalidade neutra (cf. pag. 54).

3.2. Os enunciados declarativos

(Os enunciados declarativos serão utilizados apenas como ponto de referência para os demais tipos de enunciados tratados neste capítulo. Não trataremos das possibilidades intonacionais capazes de marcar diferenças de categorização dentro desta classe de enunciados).

A condição de felicidade dos enunciados declarativos coincide com sua condição de verdade. Do ponto de vista do falante, quem afirma ou declara algo pressupõe que as coisas afirmadas ou declaradas são verdadeiras.

Pode-se dizer que a intonação típica de uma sentença declarativa tem as seguintes características, partindo da tonalidade neutra:

- tonicidade neutra: o elemento tônico incide sobre o último item lexical do grupo tonal;
- tom descendente; a direção da curva de altura tem o âmbito médio-baixo.

Consideramos(43) como exemplo típico de um enunciado declarativo assim descrito.

(43)//— A Terra é um planeta//

Um enunciado declarativo deste tipo representa um recorte metodológico arbitrário, no sentido de que está sendo utilizado, neste trabalho, apenas como ponto de referência para comparação com os demais tipos de enunciados tratados aqui. No entanto, observamos, de passagem, que nem sempre sentenças de forma gramatical declarativa expressam um enunciado declarativo. É o caso, por exemplo, de:

- 1) enunciados interrogativos indiretos, que têm forma gramatical (segmental e supra-segmental) declarativa, mas conteúdo interrogativo:

(44) // \ Eu quero saber se a Terra é um planeta // ;

- 2) sentenças declarativas que podem ser interpretadas como ordem (categorizadas, portanto, como mandos ou enunciados imperativos - ver adiante) :

(45) // \ Você vai comigo // (e isto é uma ordem).

3.3. Os enunciados imperativos

Sob o rótulo de enunciados imperativos, consideramos o que Lyons (1973) chama de mandos⁵, isto é, enunciados que impõem ou propõem um certo curso de ação ou padrão de comportamento e indicam que ele deve ser seguido. O mando e, portanto, o imperativo, recobre atos ilocucionais desde o conselho, a súplica, o pedido, a ordem, até a ameaça, e se baseia na condição de felicidade por parte do falante segundo a qual a pessoa que emite o mando deve querer que o curso de ação proposto seja seguido, caso contrário, o falante estará cometendo um abuso (ver nota 3). Assim também, o falante deve acreditar que o interlocutor seja capaz de realizá-lo: não se pode ordenar, pedir, ou mesmo aconselhar a alguém que pratique uma ação, se se sabe ou acredita que este alguém é incapaz de realizá-la.

Estudaremos, neste item, dois atos ilocucionais vinculados aos mandos: a ordem e o pedido, que são duas categorias dentro do que estamos chamando de "enunciados imperativos".

A ordem é expressa gramaticalmente, no componente segmental, por sentenças imperativas, isto é sentenças que têm uma forma gramatical que se caracteriza por:

- um modo e flexão verbais determinados (o imperativo);

- sujeito na segunda pessoa (você flexiona o verbo na terceira pessoa, mas equivale a tu: a pessoa com quem se fala), porque é (são) o (s) interlocutor(es) a quem se dirige o ato ilocucional da ordem. (Sentenças imperativas com o verbo flexionado na primeira pessoa pertencem à categoria de "exortação", não tratada neste trabalho).

Intonacionalmente, as sentenças imperativas, que expressam a ordem têm, em Português, como termo neutro, as seguintes características:

- tonicidade marcada: o elemento tônico se encontra em posição temática do enunciado, isto é, começa na primeira sílaba portadora de acento de intensidade no primeiro item lexical do grupo tonal;
- tom descendente: médio-baixo (o mesmo que o típico dos enunciados declarativos). Exemplo:

(46) // \ Abre a porta //

É explicável que o núcleo de proeminência do grupo tonal incida sobre o primeiro item lexical da sentença, no caso dos enunciados imperativos que expressam gramaticalmente a ordem: o modo imperativo, pelo qual o verbo se flexiona, é o maior ponto de informação num enunciado que manifesta o ato ilocucional de ordenar. A força ilocucional de um enunciado deste tipo se exprime lingüísticamente

te pelo modo imperativo e pela intonação característica (determinada principalmente pelo tom selecionado e pela tonicidade).

Observe, agora, os seguintes enunciados:

(47) Você me fecha a porta?

(47)a) Você fecha a porta pra mim?

(48) Você fecharia a porta (pra mim)?

(49) Você pode fechar a porta?

(50) Você poderia fechar a porta?

(51) Você quer fechar a porta?

Os enunciados (47)- (51) são ambíguos no sentido de que podem ser interpretados como enunciados interrogativos polares, ou como a expressão de um pedido ou solicitação por parte do falante. Estas duas leituras dependem da situação de enunciação em que os enunciados em questão se inserem, e das intenções do falante ao emití-los (se bem que o falante possa ter intenção de pedido e ser entendido como pergunta). Interessa-nos a segunda leitura; é o caso em que os enunciados (47) - (51) seriam equivalentes ao enunciado performativo explícito (52):

(52) Eu peço que você feche a porta.

Em Português, tais enunciados caracterizam-se, gramaticalmente, pela emissão de uma sentença interrogativa polar, com duas possibilidades estruturais:

- 1) sujeito na segunda pessoa (tu ou você), com o verbo flexionado no presente do indicativo, como em (47), ou no futuro do pretérito, como em (48);
- 2) uso de seqüências que interrogam sobre a capacidade, conhecimento, desejo, vontade ou disponibilidade do interlocutor em realizar o pedido, expressos normalmente por verbos modais: querer, poder⁶, no futuro do pretérito, pretérito imperfeito do indicativo e presente do indicativo.

São classificáveis como imperativos e não como interrogativos polares, porque obedecem à condição de felicidade geral dos mandos - instrução para que uma ação seja realizada - e não da pergunta - pedido de informação (ver adiante). A resposta negativa aos enunciados (47)-(51), com a leitura de "pedido", seria interpretada como recusa do receptor em atender a um pedido, e não como resposta negativa a um enunciado interrogativo polar. A intenção do falante ao emitir estes enunciados é pedir e não perguntar e o interlocutor interpreta tais enunciados, via de regra, como pedidos e não como perguntas⁷.

Tanto para a ordem como para o pedido, a condição

de felicidade é que o emissor, ao realizar o ato ilocucional de ordenar ou pedir, espera que a ordem seja cumprida e o pedido atendido. As diferenças de conteúdo entre ordem e pedido se explicam em grande parte por diferentes relações de autoridade entre falante e ouvinte. Quem emite a ordem deve se revestir de autoridade para tal, o que não ocorre para o pedido. Se alguém que não tenha autoridade para emitir uma ordem o fizer, estará cometendo abuso de autoridade; se alguém emitir uma ordem a quem tem mais autoridade do que ele, estará contestando a autoridade. Em outras palavras, dados os locutores A e B, a possibilidade de A fazer pedidos a B implica, socialmente, na possibilidade de B fazer pedidos a A; mas a possibilidade de A dar ordens, mesmo polidas, a B, não implica na possibilidade de B dar ordens a A. Além disso, a ordem não oferece ao interlocutor a opção de recusar-se a cumprir-la; se o interlocutor assume a opção de não cumprir a ordem, ele se colocará numa atitude polêmica ou contestatória. O pedido, ao contrário, oferece ao interlocutor a opção de recusar a execução do mando, se bem que, pela condição de sinceridade (ver nota 3) do pedido, o falante não acredita que o interlocutor se negue a fazer aquilo para o qual ele está sendo solicitado, sob pena de ser esta recusa considerada um ato de impolidez⁸. A opção de recusa deixada pelo pedido está codificada, no componente segmental dos enunciados do Português, por operadores pragmáticos, como: por favor, ou pelo performativo ex -

plícito eu te peço ⁹.

O ato ilocucional de pedir, em Português, pode ainda ser expresso lexicalmente, no componente segmental do enunciado, pelo modal poder, indicativo de permissão, em sentenças declarativas, como nos enunciados (52) e (53) abaixo :

(52) Mamãe, pode mandar trazer o café (L., II, 63)

(53) Olhe, pode levar o livro embora (M.A., III, 5)

Estes enunciados são ambíguos, porque também podem ser interpretados como afirmação. No entanto, note-se que foram elicitados dos informantes através da solicitação "Mande trazer o café", "Mande levar o livro embora", respectivamente.

Vimos, então, que o pedido está codificado gramaticalmente, no componente segmental dos enunciados do Português, por sentenças interrogativas polares, com ou sem os verbos modais: querer, poder ("possibilidade"), por operadores pragmáticos, como por favor, por verbos performativos, como eu peço que, e pelo modal poder ("permissão") em sentenças declarativas. Vejamos, agora, como este ato ilocucional pode ser codificado, em Português, por elementos intonacionais.

Compare os enunciados (54), (55) e (56) abaixo:

(54) // \ Fecha a porta //

(tom descendente; âmbito de altura: médio-baixo)

(55) // \ Fecha a porta //

(tom descendente, âmbito de altura: alto-baixo)

(56) // \ Fecha a porta //

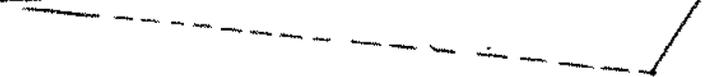
(tom descendente-ascendente)

No enunciado (54), realiza-se o ato ilocucional de ordenar, e a intonação deste enunciado é típica da ordem (ver pag. 78). A emissão do enunciado (55) realiza o ato de pedir ou solicitar (pedido com insistência), intonaionalmente expresso pela subida de altura da sílaba inicial do grupo tonal (que é tônica ou proeminente), em comparação com o ponto inicial de altura do tom descendente do grupo tonal que incide sobre o enunciado imperativo(54); portanto, o tom selecionado pelo enunciado (55) tem âmbito de altura largo. O tom que incide sobre o enunciado (56) é característico de um tipo de interrogativo não - polar (ver pag. 95): descendente-ascendente, com dois elementos tônicos no grupo tonal. A direção descendente da curva de altura é dada pela primeira sílaba tônica que, no caso da sentença imperativa, incide sobre o verbo flexionado no modo imperativo (que se encontra em posição temática) e a direção ascendente da curva de altura é determinada pela localização de um segundo elemento proeminente, que é a última sílaba portadora de acento de intensidade do grupo

tonal. Assim, se expandirmos (56), teremos, por exemplo, um enunciado como (57):

(57) // \ / Fecha aquela porta da direita pra mim //
 ou

Fecha aquela porta da direita pra mim



Como mostram estes dados, verifica-se que a força ilocucional do ato de pedir ou solicitar pode se codificar, em Português, por elementos intonacionais específicos que incidem sobre um enunciado cujas seqüências segmentais têm as formas gramaticais características de uma sentença imperativa. Neste caso, dois atos ilocucionais distintos: pedir e ordenar se distinguem apenas por elementos presentes no componente supra-segmental (e paralingüístico, naturalmente) do enunciado. Em outras palavras, dada uma seqüência segmental gramaticalmente definida como sentença imperativa, diferenças no seu componente supra-segmental (plano da expressão) acarretarão diferenças de categorias no sistema de modalidades, mais especificamente, diferenças no nível dos atos ilocucionais (plano do conteúdo).

3.4. Os enunciados interrogativos

A condição de felicidade dos enunciados interrogativos é a de que o emissor, ao fazer a pergunta, que pres-

supõe em traço de dúvida (Lyons, 1973, pag. 585) e é formalmente um pedido de informação, não sabe a resposta correspondente e admite que o interlocutor a possa conhecer, ou, sabendo ou não a resposta, procura verificar se este a conhece. Além disso, o emissor impõe ao interlocutor a obrigação de responder, ou seja, de esclarecer a dúvida contida na pergunta. Se o interlocutor violar esta condição de felicidade, ele assumirá uma atitude contestatória, ou, pelo menos, impolida.

Poderíamos atribuir às perguntas uma definição de "instruções para fazer uma asserção", como o faz Skinner, (cf. Lyons, 1973). Neste aspecto, os enunciados interrogativos deveriam ser classificados como subtipos dos mandos, já que o falante espera ver satisfeita sua intenção de obter uma resposta à dúvida expressa pela pergunta. Lyons faz, no entanto, uma série de objeções a esta consideração e propõe uma abordagem mais abrangente para dar conta da definição dos enunciados interrogativos, incluindo neles questões retóricas, em que há, por parte do falante, a pressuposição de que o interlocutor deve conhecer a resposta a elas, e didáticas, em que não há, por parte do falante, o traço de dúvida, mas tentativa de testar se o interlocutor conhece a resposta adequada a ela. A objeção que encerra o argumento mais forte contra a colocação de Skinner é uma que se refere à estrutura das interrogativas polares. Caso as interrogativas polares fossem subclasse dos mandos, a res -

posta não a elas seria interpretada como recusa do interlocutor em realizar o mando. Mas não é esse o caso. A resposta não a um enunciado como: A porta está fechada? é claramente a resposta a um enunciado interrogativo polar; no entanto, se o interlocutor emite não em resposta a um enunciado que é indiscutivelmente um mando, como Abra a porta, ele estará se negando a fazer o que lhe está sendo ordenado ou solicitado.

Fatos desta natureza mostram, conforme Lyons, que a força ilocucional de um mando é diferente da força ilocucional de uma pergunta. No entanto, deve ser notado que há muito em comum entre a pergunta e o mando. Nos dois casos está presente a intenção do falante de agir sobre o comportamento do ouvinte, quer fazendo com que o ouvinte aja de acordo com o que lhe foi ordenado ou pedido (no caso dos enunciados imperativos), quer impondo sobre o ouvinte um compromisso de responder à sua pergunta (no caso dos enunciados interrogativos). Efetivamente, pode-se dizer que a interrogação traz implícito o mando Responda a esta pergunta !, ao qual o ouvinte pode recusar emitindo Não digo ou Não falo

- A porta está aberta?
- Não falo.

Parece que a principal diferença entre um enunciado imperativo e um enunciado interrogativo é a de que o

interrogativo exige uma resposta verbal ou codificável verbalmente, ao passo que o imperativo não exige uma resposta verbal, salvo se expressamente solicitado:

- Diga "casa" !
- "Casa".

Os enunciados interrogativos são, então, definidos, no plano do conteúdo, como a codificação do ato ilocucional de perguntar. No plano da expressão, devemos distinguir dois tipos de enunciados interrogativos, correspondentes a duas formas gramaticais distintas: os enunciados interrogativos polares (que pedem resposta sim/não) e os interrogativos não polares (com palavras interrogativas). Os primeiros se caracterizam, em Português, por uma sequência segmental idêntica à dos enunciados declarativos, deles diferindo no componente supra-segmental. Os segundos, pela presença de palavras interrogativas em posição temática ou em posição final da sentença.

Interessá-nos sobretudo considerar os casos em que as diferenças intonacionais acarretam diferenças no plano de conteúdo e na categorização dos diferentes tipos de enunciados interrogativos. Mais precisamente: são os casos em que a intonação é o mecanismo que manifesta linguisticamente a força ilocucional do enunciado (exemplo: diferença entre enunciado declarativo e interrogativo polar), ou em que o componente supra-segmental modifica a

força ilocucional expressa no componente segmental da sentença(exemplo: seqüência segmental de sentença interrogativa não-polar, sobre a qual incida um tom ascendente, é classificável como enunciado interrogativo polar de confirmação ou "pergunta sobre pergunta").

Trataremos, nesta secção, de duas categorias de enunciados interrogativos:

- os interrogativos polares e duas subclasses destes, os interrogativos alternativos e os "de confirmação" (pergunta sobre pergunta);
- os interrogativos não-polares.

3.4.1. Enunciados interrogativos polares

O enunciado interrogativo polar pode ser considerado, segundo Lyons (1973), uma função com uma variável de duplo valor. Quando o falante dirige uma pergunta deste tipo ao interlocutor, ele estará, na realidade, convidando-o a preencher esta variável com uma opção de duplo valor: sim ou não; Um enunciado como:

O Guia Quatro Rodas é eficaz?

é equivalente ao enunciado alternativo:

O Guia Quatro Rodas é ou não é eficaz? ,

para o qual a resposta sim (ou, mais comumente, no Português, o verbo finito, auxiliar ou não, contido na sentença interrogativa) preenche uma variável equivalente à sen-

tença declarativa O Guia Quatro Rodas é eficaz, e a resposta não (ou não+ verbo finito) preenche o valor do polo oposto, equivalente à declarativa negativa O Guia Quatro Rodas não é eficaz.

A resposta não sei a um enunciado deste tipo não implica no preenchimento de um terceiro valor a esta variável; indica, antes, que o interlocutor não consegue (por não saber ou não querer) preencher adequadamente nenhum dos seus dois polos valorativos.

Como se vê, a diferença entre um enunciado declarativo e um interrogativo polar reside na gramaticalização de um traço de dúvida por parte do falante. Em Português, este traço é manifesto no componente supra-segmental do enunciado. De fato, a diferença mínima entre um enunciado declarativo e um enunciado interrogativo polar reside em diferenças intonacionais entre os dois; mais especificamente, em diferenças estabelecidas pela escolha no sistema de tom.

Compare os enunciados (58) e (59):

(58)// \ O Guia Quatro Rodas é eficaz//.

(59)// / O Guia Quatro Rodas é eficaz?//

O enunciado declarativo (58) seleciona um tom descendente (médio-baixo); o enunciado interrogativo (59) se-

leciona um tom ascendente. Ambos os enunciados têm tonicidade neutra, isto é, o elemento tônico cai na última sílaba acentuada do grupo tonal.

Este fato ilustra o papel pertinente da intonação no sistema de modalidades em Português, na medida em que, para uma mesma seqüência segmental, temos duas representações intonacionais que correspondem a duas categorias diversas no sistema de modalidades. Mais precisamente, na distinção tonicidade/tom (já que trabalhamos com tonalidade neutra), a diferença em questão é garantida pela escolha no sistema de tom, a tonicidade permanecendo a mesma. Em Português, portanto, a diferença, no plano da expressão, entre duas categorias do sistema de modalidades - enunciados interrogativos polares e enunciados declarativos - se manifesta no componente supra-segmental do enunciado, mais especificamente, nas possibilidades de escolha a partir do sistema de tom.

Observe, agora, o enunciado (60):

(60) // / Que que eu acho // (L., II, 75).

O enunciado anterior no discurso,

(61) // \ O que que você acha? //,

é uma forma gramatical com seqüência segmental e represen-

tação intonacional típicas de enunciados interrogativos não-polares, (pag.94). Ora, sobre o enunciado (60), cuja forma gramatical segmental é típica de uma sentença interrogativa não-polar, incide um grupo tonal com tom ascendente, e tonicidade neutra, que, como vimos, são elementos intonacionais característicos de enunciados interrogativos polares. Deste modo, uma forma segmental de sentença interrogativa não-polar que comporta uma representação intonacional típica das sentenças interrogativas polares, tem valor de enunciado interrogativo polar e deve ser categorizada como tal.

Um enunciado interrogativo deste tipo difere de um interrogativo polar como (59), no sentido de que, dados os locutores A e B, A emite um enunciado como (60) - buscando confirmação do que foi emitido anteriormente por B, mas não foi totalmente compreendido por A, ou - reforçando o que B emitiu anteriormente.

Chamaremos a esses enunciados de interrogativos polares "de confirmação", ou pergunta(polar) sobre pergunta (polar ou não):

(62) (// \ Quem foi //)
 // / Quem foi //

(63) (// / Ele foi //)
 // / Se ele foi //

São perguntas que incidem sobre enunciados ou parte(s) de enunciados do interlocutor, sendo que estes enunciados podem ser interrogativos (como no caso discutido) ou não (como mostra o exemplo abaixo:

-Eu vou embora

-// / Vai //

-// / É //).

Outra subclasse dos enunciados interrogativos polares, a que estou chamando de interrogativos alternativos, são enunciados do tipo (64), (65), (66) e (67) abaixo:

(64) // ^ Você vai ou fica? //

a) Vou.

b) Fico.

(65) // ^ Você vai ou não vai? //

a) Vou.

b) Não vou.

(66) // ^ Você é inglês ou alemão? //

a) (Sou) inglês.

b) (Sou) alemão.

c) Nem (sou) inglês, nem (sou) alemão, (mas austríaco).

(67) // ^ Você canta ou dança? //

a) Canto.

- b) Danço.
- c) Nem canto, nem danço, (mas observo o movimento)
- d) Canto e danço.

Diferem dos enunciados interrogativos polares pelo fato de que estes apresentam uma disjunção numa variável, cujo valor é preenchido pelo interlocutor, segundo dois polos: positivo (sim) e negativo (não). No caso dos enunciados interrogativos alternativos, os valores disjuntivos da variável já são estipulados pelo falante, que apresenta ao interlocutor a possibilidade de escolher entre um ou outro valor, o que não significa que o interlocutor não possa negar ou afirmar ambas as alternativas (ou mesmo apresentar uma terceira).

O enunciado interrogativo alternativo caracteriza-se intonacionalmente por:

- dupla tonicidade (um tônico incide sobre a seqüência segmental correspondente a uma das alternativas; o outro, sobre a segunda;
- tom ascendente-descendente. A curva de altura é determinada pelo primeiro elemento tônico; a descendente, pelo segundo.

3.4.2. Enunciados interrogativos não-polares

Os interrogativos deste tipo contêm uma variável

Tal descrição intonacional pode ser observada nos enunciados (68) e (69) abaixo:

(68) // \ Por que você escolheu esse assunto? //

(L.,II,78)

(69) // \ Quem vai comprar carne? //

(ii)a) Dois elementos proeminentes no grupo tonal: o primeiro, em posição temática, incide sobre a palavra interrogativa; o segundo, na última sílaba acentuada do grupo tonal;

b) tom descendente-ascendente; a direção descendente da curva de altura é determinada pelo primeiro elemento tônico; a presença de um segundo elemento tônico de termina a subida da curva de altura, que apresenta a tendência terminal meio-alta.

Como exemplo, observem-se os enunciados (70) e

(71):

(70) // \ Quem são esses homens? //

(71) // \ Por onde você entrou? //

Qual a diferença entre um enunciado do tipo (i) e um do tipo (ii)? Aparentemente, podem-se comutar os enunciados (68) e (72), sem alteração da significação dos mesmos:

(68) // \ Por que você escolheu esse assunto //

(72) // ✓ Por que você escolheu esse assunto //

Foram levantadas duas hipóteses que provavelmente explicassem a seleção de um ou outro tipo de descrição intonacional. A primeira diz respeito a fatores de registro sociolinguístico:

- a) num registro tenso e bastante formal, como o de leitura, observa-se a seleção do tom descendente para enunciados interrogativos desse tipo;
- b) o tom descendente-ascendente é selecionado por um registro mais coloquial, familiar.

No entanto, foi solicitado às duas informantes que lessem uma série de interrogativos não-polares. O resultado foi que os enunciados emitidos sob estas condições selecionaram tanto o tom descendente descrito em (i), quanto o tom descendente-ascendente descrito em (ii). Isto prova que fatores vinculados a diferentes registros não são determinantes na escolha de um ou de outro tom.

A segunda hipótese diz respeito à presença de mais de um foco no enunciado; em (72), o falante destaca, no enunciado, dois pontos de informação: um maior, que é a indagação de causalidade codificada pelo advérbio interrogativo por que, e um menor, o elemento novo (ver nota 3 do capítulo II) do enunciado pressuposto pelo enunciado interrogativo (72): Eu escolhi um assunto x. Esta hipótese parece mais plausível que a primeira, já que, como vimos no

capítulo II, tonicidade e foco do enunciado estão intimamente relacionados. Mesmo assim, a diferença significativa entre a escolha de um tom descendente e um tom descendente-ascendente para sentenças deste tipo é bastante sutil.

Observe, agora, os enunciados (73) e (74):

(73) // \ Por que você escolheu esse assunto //

(74) // ✓ Quando você vai embora //

O tom descendente do grupo tonal que incide sobre (73) tem âmbito de altura largo; o mesmo acontece com a linha ascendente do tom descendente-ascendente do grupo tonal presente em (74), cuja tendência terminal é mais alta que a do tom de (72).

A emissão de enunciados como (73) e (74) tem, como intenção por parte do falante, marcar um elemento novo polêmico, ou causar surpresa por parte do emissor, ou destacar um ponto maior de informação fornecido anteriormente no discurso. Estes elementos são expressos pela escolha de um tom marcado com relação a (ii), e se caracteriza por uma subida extra de altura no elemento destacado, com duas possibilidades, quer incidindo sobre a seqüência segmental correspondente à palavra interrogativa (que é geralmente o elemento novo no enunciado), quer incidindo simultaneamente sobre os dois.

Observe-se que o destaque extra na tonicidade de um grupo tonal ocorre com todas as interrogativas, sempre com o significado, por parte do falante, de surpresa, descrença ou pedido de repetição do enunciado anteriormente emitido pelo interlocutor. Este tipo de traço manifestado pela intonação exige um grau mais complexo de delicadeza na descrição dos fatos intonacionais.

4. O esquema abaixo é uma tentativa de resumir o que foi exposto neste capítulo sobre a pertinência da intonação no sistema de modalidades do Português, num primeiro grau de delicadeza. Foram considerados contrastes nos sistemas intonacionais de tom e tonicidade, com tonalidade neutra.

I. Características intonacionais das categorias tratadas

		tom	tonicidade	
Enunciados	ordem	descendente	marcada	
imperativos	pedido	descendente-ascendente	dupla	
Enunciados declarativos		descendente	neutra	
Enunciados interroga- tivos	polares	sim/não	ascendente	neutra
		alternativos	ascendente- descendente	dupla
	não-polares	descendente ou descendente- ascendente	marcada ou dupla	

II. A intonação distinguindo categorias no sistema de modalidades

- Enunciado declarativo de enunciado imperativo (ordem):
tonicidade.

- Enunciado declarativo de enunciado interrogativo polar
sim/não : tom

- Enunciado declarativo de enunciado interrogativo não-
polar: tonicidade, ou tom e tonicidade.

- Enunciado interrogativo polar sim/não de alternativo:
tom e tonicidade.

- Ordem de pedido: tom e tonicidade.

NOTAS DO CAPÍTULO III

1. Austin (1970) estabeleceu a diferença entre enunciados consttativos e performativos. Os primeiros descrevem um estado de coisas e têm a propriedade de ser verdadeiros ou falsos. Os enunciados performativos têm a propriedade de realizar um ato quando emitidos; são antes usados para "fazer algo" do que para dizer se "algo é ou não é", através da linguagem. Neste sentido, não são passíveis de julgamento lógico de valor verdade, mas são antes felizes ou infelizes na consecução de seus objetivos.
2. Austin (1970) aponta a distinção entre ato locucional, ilocucional e perlocucional. O ato locucional é a produção de um enunciado significativo, através de uma atividade fonética, de uma atividade gramatical e de uma operação semântica (Austin chama de fonético, fático e rético, respectivamente, a estes três aspectos do ato locucional), sem relação alguma com o contexto, nem com o papel desempenhado pela relação falante-ouvinte. O ato ilocucional é um ato realizado dizendo-se ("in saying") algo: fazer uma afirmação, uma pergunta ou uma promessa, dar uma ordem ou fazer um pedido, batizar um navio, etc. O ato perlocucional é um ato produzido pelo fato de se dizer ("by saying") alguma coisa, isto é, o enunciado emitido causa efeitos nos outros ou no próprio falante: fala-se com alguém para fazê-lo acreditar em algo, persuadi-lo a fazer alguma coisa, consolá-lo,

lisonjeá-lo, etc.

3. Um ato ilocucional, para ser bem sucedido e não-defectivo, deve obedecer a certas condições de felicidade ("felicity conditions"), que são em número de três:

(i) Condições preparatórias (ou pré-requisitivas): a pessoa que realiza o ato ilocucional deve ter direito ou autoridade para fazê-lo, e, em certos casos, a ocasião de seu enunciado deve ser apropriada para o ato ilocucional em questão. Segundo Austin, não se pode fazer uma afirmação válida, a não ser que se tenha evidência para a asserção e razão para acreditar que o destinatário esteja preparado para isto.

(ii) Condições de sinceridade: a pessoa que realiza o ato ilocucional deve fazê-lo com sinceridade, isto é, ela deve acreditar que o que emite é verdadeiro, caso contrário, o ato em questão não será nulo, mas será revestido do que Austin chama de "abuso".

(iii) Condições essenciais: a pessoa, ao realizar o ato ilocucional, está comprometida, pela força ilocucional de seu enunciado, com certas crenças ou ações futuras; conseqüentemente, se ela produzir um enunciado inconsistente com estas crenças, ou se se conduzir de um modo incompatível com as ações com as quais se comprometeu (lingüisticamente), poderá ser acusada de violação de compromisso.

4. Força ilocucional de um enunciado é seu status de promessa, ordem, pergunta, etc., marcado lingüisticamente, en-

tre outros mecanismos, pela intonação.

5. Lyons utiliza o termo mando, na acepção dada a ele por Skinner, mas não se compromete com a análise skinneriana do comportamento verbal.

6. Note-se que estas expressões com o modal poder podem ter leitura de pedido ou de pergunta polar (sim/não) (portanto, duas forças ilocucionais distintas), conforme o sentido deste modal:

- poder "capacidade física ou mental", numa sentença interrogativa, lê-se como pergunta sim/não:

Você (que tem a perna quebrada) pode fechar a porta?

-poder "permissão", no interrogativo, pergunta sim/não:

Você pode (tem permissão para) fechar a porta?

-poder "disponibilidade", no interrogativo, pergunta sim/não:

Você pode (está disponível para) fechar a porta agora?

-poder "possibilidade", numa sentença interrogativa, dirigida a uma segunda pessoa, pedido: ver dado (49).

7. Foram feitos testes com o enunciado Você pode fechar a porta?, em situações tais que pudesse ser interpretado como pedido (falante e ouvinte dentro de um cômodo, diante de uma porta aberta). Em cem por cento dos casos, este enunciado foi interpretado como um pedido, visto que o interlocutor fechava a porta, ao invés de emitir uma resposta típica de um enunciado interrogativo polar.

8. Lyons (1973) observa que a forma inglesa do operador pragmático de solicitação please tem etimologicamente o sentido de oferecer a opção de recusa ao interlocutor: if it pleases you, o mesmo que se observa no operador pragmático de solicitação do Francês atual: s'il vous plaît.

9. Cabe, aqui, uma observação: não se deve confundir uma ordem polida com um pedido. No primeiro caso, a pessoa que a emite continua revestida de autoridade para tal, ou se reveste de tal autoridade para impressionar o ouvinte, mesmo que não a tenha:

Beba Coca-Cola.

Deposite suas economias na Caderneta de Poupança x.

No segundo caso, o falante não precisa ter autoridade para fazer um pedido.

CONCLUSÃO

Utilizando o modelo de descrição intonacional de Halliday, e definindo as modalidades como codificação de atos ilocucionais determinados, vimos que mudanças intonacionais acarretam mudanças de categorização no sistema de modalidades do Português. Isto se deve ao fato de que a força ilocucional de ordenar, pedir, afirmar ou perguntar é marcada, em alguns casos concomitantemente por mecanismos linguísticos segmentais e supra-segmentais. Mais especificamente, pela escolha do tipo de tom (sua curva direcional) e pela localização do elemento de proeminência dentro do grupo tonal. Trabalhamos com o conceito de tonalidade neutra, pois a oposição tonalidade neutra/tonalidade marcada não acarreta distinções substanciais ao que nos propusemos estudar quanto ao papel da intonação na manifestação de contrastes nas modalidades selecionadas.

Deve-se notar, no entanto, que as soluções encontradas a este respeito não pretendem absolutamente ser conclusivas. Ao contrário, têm antes o caráter de uma primeira abordagem aproximativa do complexo problema da intonação numa língua como o Português, e o de uma reflexão sobre este problema. Têm, portanto, o objetivo de dar uma contribuição para uma indagação mais ampla, à qual nos referimos na Introdução (ver pag. 1): qual é o papel que exerce a intonação na gramática de uma língua como o Português ?

Decorrentes da reflexão sobre este problema, muitas questões se levantam, e merecem ter um tratamento mais aprofundado. Algumas delas são as seguintes:

- Relação entre foco do enunciado e intonação. Foi observação, neste trabalho, que o foco do enunciado vincula-se à localização, no grupo tonal, do elemento de proeminência (ou tônico). Esta afirmação não é, entretanto, suficiente. Observando dados do Português, vimos que há enunciados, sobretudo emitidos num registro coloquial, em que há um elemento de proeminência acentual (ou de intensidade) e um outro de proeminência tonal (ou de altura), não coincidentes um com o outro. Seria interessante tentar verificar se há diferença significativa entre um e outro tipo de proeminência supra-segmental, estabelecidos a partir do contraste intensidade/altura.

-Operacionalidade da noção de ritmo nos dados do Português. Intuitivamente, percebe-se que há, na sequência da fala, um cadenciamento rítmico marcado por intervalos regulares entre sílabas fortes e fracas. Seria interessante verificar sistematicamente esta hipótese e se ela não explica melhor o cadenciamento rítmico da fala do que a gradação acentual estabelecida por Mattoso Câmara Jr. (1953).

- Relação sistemática entre traços situacionais e traços intonacionais. Entenda-se por situacionais traços decorrentes da relação pragmática comunicativa falante-ouvinte-contexto, que caracteriza o ato de enunciação.

A hipótese em questão é de que certos traços situacionais são codificados linguisticamente pela intonação.

- Variações de registro e dialetais que sofre a intonação. Quanto ao primeiro caso, verificou-se que, em enunciados lidos alto, foram selecionados alguns elementos intonacionais, que não eram os mesmos ou os únicos presentes em enunciados emitidos quando o registro é coloquial.

-Intonação e ambigüidade. Verificou-se que, em alguns casos, a intonação é um dos fatores capazes de anular a ambigüidade sintática de certos enunciados, considerados ambíguos por terem uma única representação fonética para duas ou mais interpretações semânticas. Por este motivo, deve-se levar em conta a intonação na descrição fonética dos enunciados, pois, em muitos casos tidos como exemplos de ambigüidade sintática, o que se encontra, na realidade, é duas ou mais descrições fonéticas (considerando a descrição intonacional).

BIBLIOGRAFIA

- Austin, J. L. (1970). Quand dire, c'est faire, Paris ,
Le Seuil
- Câmara Jr, Joaquim Mattoso (1953). Para o estudo da fonêmica portuguesa, Rio de Janeiro, Edição da Organização Simões, Coleção Rex.
- Crystal, David (1969). Prosodic Systems and Intonation in English, Cambridge, Universit Press.
- Garner, R. (1971). "Presupposition in Philosophy and Linguistics", in Fillmore, Ch. and Langendoen, T. (organizadores), Studies in Linguistic Semantics , New York, Holt, Rinehart and Winston, Inc.
- Halliday, M. A. K. (1973). "The tones of English", in Jones, W. E. e Laver, J. (editores) - Phonetics in Linguistics. A Book of Reading, Londres, Longman Group Ltd.
- Primeira publicação: 1963, in Archivum Linguisticum, vol XV, Fasc. I : 1-28.
- Halliday, M. A. K. (1976). "Estrutura e Função da Linguagem", in Lyons, J. (organizador), Novos Horizontes em Linguística, São Paulo, Editora Cultrix.

- Lacerda, Armando de (1950) - Análise de expressões sonoras da compreensão, trabalho realizado no Laboratório de Fonética Experimental da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- Lemle, Miriam (1965) - Phonemic System of the Portuguese of Rio de Janeiro. Tese de Mestrado. Universidade de Pennsylvania.
- Lyons, J. (1973) - "Mood and Modality", manuscrito de versão preliminar de um livro sobre Semântica.
- Pike, Kenneth (1945) - The Intonation of American English, Ann Arbor, University of Michigan Press.
- Rameh, Cléa A. S. (1962) - Contrastive Analysis of English and Portuguese Intonation. Tese de Mestrado. Universidade de Georgetown, EUA.
- Id. (1966) - " A intonação do Português do Brasil", in Estudos Lingüísticos, vol. I, nº 2, São Paulo.
- Searle, J. R. (1972) - Les actes de langage, Paris, Hermann.